

Juven- tudes

● desafio
● pendente

Estudos sobre
as juventudes
na América Latina
e Caribe



RESUMO DE ACHADOS REGIONAL E NACIONAIS

14 PAÍSES

NOVEMBRO 2025

FRIEDRICH
EBERT 
STIFTUNG

DEMOCRACY AND
HUMAN RIGHTS

14 COUNTRIES

RESUMO
DE RESULTADOS
REGIONALES
NACIONAIS

FRIEDRICH
EBERT 
STIFTUNG

CONTEÚDO



APRESENTAÇÃO Sobre Juventudes: Um Desafio Pendente	6
INTRODUÇÃO	8
METODOLOGIA	10
RESUMO DO RELATÓRIO REGIONAL	13
RESUMO DO RELATÓRIO REGIONAL "Participação e representação em disputa: juventudes e democracia na América Latina e Caribe"	14
RESUMO DOS PAISES	19
ARGENTINA "Juventudes na Argentina: entre a indignação e a esperança". Como pensam e atuam politicamente as juventudes argentinas	20
BOLÍVIA "Explorando contrastes: a democracia pelos olhos da juventude boliviana". Mal-estar e demandas das juventudes diante do sistema político boliviano	23
BRASIL Uma análise sobre democracia, participação e posicionamento político das juventudes no Brasil: As juventudes brasileiras diante do desafio democrático	27
CHILE "Jovens, política e democracia no Chile: uma conversa para mudar". Tensões e desafios da juventude diante do sistema democrático	31
COLÔMBIA "Porque mañana será bonito": radiografía de una juventud crítica y esperanzada en Colombia"	35
COSTA RICA "Jovens na Costa Rica entre a democracia e o autoritarismo": tensões e desafios democráticos da juventude costarriquenha	39

EQUADOR	
Participação política das juventudes no Equador: entre o medo, a precariedade e as desigualdades	43
HONDURAS	
“Las juventudes hondureñas: entre la insatisfacción con el presente y la esperanza en el futuro”	48
MÉXICO	
As juventudes questionam a política e exigem formas mais inclusivas de participação	52
PANAMÁ	
Nem indiferentes nem conformistas: juventudes panamenhas diante do desafio democrático	55
PERU	
Jovens no Peru: distantes da política tradicional, mas com necessidade de transformação	59
REPÚBLICA DOMINICANA	
Nem indiferentes nem ingênuas: as juventudes dominicanas diante do desafio democrática	62
URUGUAI	
Entre o ideal democrático e a exclusão política: o que pensam as juventudes no Uruguai	66
VENEZUELA	
“Juventude venezuelana: entre a precariedade e a esperança democrática”	70
BIBLIOGRAFIA	74

APRESENTAÇÃO

SOBRE JUVENTUDES: UM DESAFIO PENDENTE

As mudanças geopolíticas e as múltiplas crises complicam a governança e exercem pressão sobre as democracias em todo o mundo. A América Latina não é uma exceção. A região enfrenta crescentes incertezas, desigualdades socioeconômicas estruturais, desafios para a segurança decorrentes do crime organizado, uma insatisfação progressiva com as instituições do Estado e o avanço de projetos políticos com tendência autoritária. As pessoas jovens têm sido afetadas de forma desproporcional por essas mudanças. Historicamente, elas desempenharam um papel fundamental na história política do continente, estando no centro dos processos de transformação democrática, da defesa dos direitos ambientais e territoriais e das lutas feministas, sindicais e sociais que marcaram o pulso da região.

Apesar de seu protagonismo em importantes lutas e mobilizações, sua representação nos espaços de poder continua sendo limitada. As instituições políticas não conseguem canalizar suas demandas, nem encontrar formatos para estabelecer um diálogo intergeracional efetivo ou elaborar políticas públicas que respondam às suas necessidades. Os locais tradicionais de representação política, como partidos políticos e sindicatos, têm hoje dificuldades em atrair os e as jovens e, portanto, em representar seus interesses e incluir suas ideias nas agendas programáticas. Essa situação aumenta a desconexão entre os espaços de decisão e as mobilizações juvenis e gera frustração em relação às instituições do Estado e ao funcionamento da democracia. Portanto, reforçar uma perspectiva intergeracional de nossa visão da democracia é uma tarefa urgente e estratégica.

O projeto de pesquisa regional “Juventude: Um Desafio Pendente” busca contribuir para esta missão. Desenvolvido pela Fundação Friedrich-Ebert

(FES) em catorze países da América Latina e Caribe, reúne as vozes de mais de vinte mil jovens e oferece uma visão sistemática da relação entre juventude, participação e pensamento político. Seu valor diferencial reside na integração de dimensões tradicionalmente separadas, como valores, práticas políticas e percepções sobre o Estado, bem como em sua metodologia participativa, desenvolvida em colaboração com especialistas na matéria, atores juvenis e diferentes escritórios da FES na região. A perspectiva regional oferece conhecimento empírico rigoroso e permite identificar tanto padrões comuns quanto particularidades nacionais.

No entanto, os dados não são um fim em si mesmos, mas sim um ponto de partida para o diálogo político. As conclusões comparativas entre países permitem identificar lacunas de representação, compreender as novas formas de participação juvenil e desenhar estratégias políticas capazes de reconectar com as preocupações, aspirações e experiências desta geração. Assim, o estudo é entendido como uma ferramenta política que fortalece o debate intergeracional nos movimentos políticos, impulsiona os processos de renovação democrática e serve de inspiração para elaborar políticas públicas que aproveitem o conhecimento e a criatividade dessa parte tão importante de nossas sociedades.

Desse modo, o projeto “Juventudes: Um Desafio Pendente” faz parte da aposta histórica da FES na justiça social, na igualdade e na renovação democrática. Compreender o que os jovens pensam, como vivem, por que lutam e o que esperam da política e do Estado nos permite detectar tendências de mudança social e identificar caminhos alternativos para responder aos complexos desafios das nossas sociedades atuais. Em um contexto marcado pelo desencanto com as instituições democráticas,

ouvir, coletar dados e debater em conjunto a realidade junto às juventudes é uma forma de reconstruir pontes entre as instituições e os cidadãos, e entre a política e a vida cotidiana. Os resultados do estudo convidam partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, academia e governos a levarem em conta as novas formas de participação política que estão surgindo entre os jovens para traçar novos caminhos na construção de políticas baseadas na justiça social, na equidade de gênero e na dignidade humana.

Com este documento, que resume os resultados mais importantes do projeto de pesquisa, esperamos contribuir para um diálogo mais amplo na região –e além– sobre a participação política dos jovens e a constante renovação de nossas instituições democráticas, para que os instrumentos democráticos estejam à altura dos desafios que enfrentamos. Que os jovens se tornem interlocutores centrais na construção de um amanhã mais justo e democrático. Boa leitura.



Tina Hennecken Andrade
Representante da FES Equador

INTRODUÇÃO

América Latina e Caribe é uma das regiões mais jovens e desiguais do mundo. Nela habitam juventudes de 15 a 35 anos que transitam um período decisivo de exploração pessoal, educacional, profissional e política, em contextos marcados por desigualdades estruturais, transformações democráticas e múltiplas crises. Ao longo das últimas décadas, essas gerações foram protagonistas das principais lutas políticas, sociais e culturais da região: desde as mobilizações estudantis e feministas até os protestos ambientais, territoriais e digitais.

O projeto “Juventudes: Um Desafio Pendente”, implementado pela Fundação Friedrich-Ebert (FES), busca compreender essas transformações e oferecer evidência empírica sobre as atitudes políticas, valores e formas de participação das juventudes contemporâneas. Entre janeiro e fevereiro de 2024, foi aplicada uma pesquisa com quase 22.000 pessoas jovens em catorze países da América Latina e Caribe, por meio de painéis web gerenciados pela YouGov. O estudo oferece dados representativos em nível nacional e uma análise comparativa regional que examina quatro grandes dimensões: condições de vida, percepções sobre a democracia, valores e posicionamentos ideológicos, além de formas de participação política e ação coletiva.

A partir dos dados obtidos, o projeto “Juventudes: Um Desafio Pendente” implementou um amplo processo de análise, diálogo e socialização voltado para o fortalecimento do debate público e das decisões políticas baseadas em evidências. O relatório regional compara os resultados dos catorze países participantes, enquanto os relatórios nacionais aprofundam nos achados específicos de cada contexto, acompanhados de boletins, apresentações e materiais de imprensa. Através do site www.juventudesfes.org, disponível em espanhol, português e inglês, são reunidos

os relatórios produzidos e disponibilizados visualizadores de dados que facilitam a leitura comparada.

Os resultados do relatório regional apresentam uma geração que valoriza a democracia, mas desconfia de suas instituições. Entre 58% e 73% consideram que a democracia é o melhor sistema de governo, embora menos da metade esteja satisfeita com seu funcionamento. A precariedade do emprego, as lacunas educacionais e a falta de oportunidades impulsionam o desejo de emigrar –que ultrapassa os 50% em vários países– o que aprofunda um mal-estar social que, no entanto, não se traduz em apatia. Pelo contrário, as juventudes desenvolvem novas formas de participação, tanto no espaço digital quanto nos territórios, e mostram afinidade com causas ligadas à justiça social, igualdade de gênero e defesa do meio ambiente.

Os relatórios nacionais apresentados neste documento ampliam e territorializam essas tendências, oferecendo um panorama diverso e complexo. Na Argentina, os jovens demonstram desencanto institucional, mas também tem fortes expectativas de mudança. Na Bolívia e em Honduras, a insatisfação com a democracia convive com a convicção de que o voto continua sendo uma ferramenta válida para transformar o país. No Brasil, Chile e Peru, o estudo mostra que existem gerações críticas e heterogêneas, que oscilam entre valores progressistas e adesões conservadoras. No Equador, o medo e a insegurança reconfiguram a vida pública, enquanto na Colômbia, Panamá e República Dominicana, as juventudes mantêm esperanças democráticas em meio ao desencanto institucional. No Uruguai, é reafirmada a confiança no Estado de bem-estar social e, na Venezuela, persiste um anseio de reconstrução democrática diante da precariedade. Esses resumos nacionais evidenciam tanto os deno-

minadores comuns regionais –desigualdade, desconfiança institucional, precarização do trabalho e desejo de emigrar– quanto os matizes locais que configuram diferentes experiências geracionais.

O documento apresenta, portanto, uma síntese dos principais resultados do relatório regional e dos relatórios nacionais, elaborados em coordenação com os escritórios da FES em cada país e com a participação de pesquisadoras e pesquisadores especializados em juventudes, democracia e políticas públicas. Seu objetivo é oferecer um olhar comparativo e atualizado sobre as juventudes na América Latina e no Caribe, contribuindo para fortalecer o debate público e inspirar estratégias que ampliem a representação política e a justiça social.

As juventudes latino-americanas não são uma geração apática, mas sim um ator político crucial em disputa. Sua visão crítica, suas novas formas de organização e sua persistente aposta na democracia constituem uma oportunidade para repensar o futuro da região e renovar as instituições a partir do horizonte da igualdade, da dignidade e da participação.

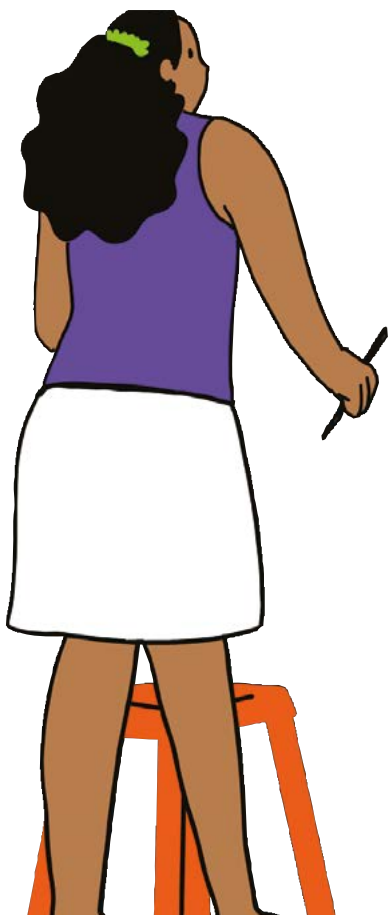
Anabel Bilbao García
Coordenadora do projeto



METODOLOGIA

O estudo “**Juventudes: Um Desafio Pendente**” analisa os padrões e tendências nas atitudes e valores políticos das juventudes na região por meio de uma metodologia mista baseada em pesquisas e análises de dados estatísticos. A principal ferramenta de coleta de dados foi uma pesquisa sobre participação política e juventudes aplicada entre janeiro e fevereiro de 2024 (após um breve teste feito no início de dezembro de 2023 para garantir a programação e a infraestrutura adequadas) em 14 países pesquisados.

O questionário foi elaborado em colaboração com os escritórios da FES na América Latina e no Caribe, um grupo de especialistas de vários países pesquisados e pessoas jovens vinculadas a organizações políticas e sociais da região. Finalmente, foi validado com a pesquisadora responsável pela aplicação do instrumento. O questionário contém um bloco de 65 perguntas comuns para todos os países e um bloco de 2 a 5 perguntas nacionais que respondem às problemáticas específicas de cada país.



O instrumento aplicado contém perguntas orientadas a conhecer diversas dimensões do fenômeno: a) condições de vida das pessoas jovens; b) visão sobre a política e principais problemas em cada país; c) visão da democracia e posicionamento sobre principais causas políticas; d) formas e motivações para a participação em política; e) uso do tempo, uso de tecnologias e acesso à informação.

A pesquisa foi aplicada por meio de amostragem online através de painéis web e YouGov foi a responsável pela aplicação. Trata-se de uma empresa internacional de tecnologia online dedicada à pesquisa e análise da opinião pública; possui presença global e é uma das maiores redes de pesquisa do mundo e destacou-se como pioneira em estudos digitais e como uma fonte confiável de informação e dados.

YouGov, durante as últimas duas décadas, formou um painel global cuidadosamente selecionado de participantes em pesquisas, incluindo diversos países da América Latina. Este se caracteriza por uma alta participação e disponibilidade de informações detalhadas sobre atributos demográficos relevantes, o que permite desenvolver pesquisas com maior precisão e eficiência metodológica. Nos países onde não havia painéis próprios, YouGov recorreu a fornecedores de amostras consolidados, aplicando rigorosas medidas de controle de qualidade equivalentes às utilizadas em seus próprios painéis. As pesquisas foram administradas exclusivamente em formato digital mediante a abordagem de active sampling, que prioriza a qualidade da amostra em detrimento do volume de respostas. Esse procedimento restringiu a participação a pessoas elegíveis de acordo com critérios previamente estabelecidos, o que contribuiu para garantir a representatividade da amostra. Combinada com técnicas de ponderação estatística (*weighting*), essa

abordagem fortaleceu a validade inferencial dos resultados obtidos.

Todos os entrevistados deram seu consentimento informado. As pessoas jovens entre 15 e 17 anos contaram com o consentimento de seus pais antes de iniciar a pesquisa. Por isso, é importante mencionar que as perguntas relacionadas à educação e ao trabalho para essa faixa etária foram respondidas por seus representantes por motivos de amostragem. A pesquisa foi aplicada em idioma espanhol em toda a região, exceto no Brasil, onde foi aplicada em português.

O quadro de amostragem desta pesquisa compreende gênero, grupos etários, região do país onde residem, tipo de área onde residem (urbana, suburbana ou rural), educação, status de trabalho e uma variável de atenção às notícias. Adicionalmente, a análise de classe social foi construída a partir do modelo de classificação socioeconômica ESOMAR, com base em variáveis socioeconômicas das pessoas chefes de família (educação, ocupação) e variáveis puramente econômicas (renda, posse de bens).

A amostra foi construída por meio de uma amostragem estratificada em cada país, com base no Barômetro das Américas da LAPOP (2021). A seleção dentro de cada estrato foi realizada mediante uma amostragem ponderada com reposição. Os pesos variam para cada um dos países (ver Tabela N.º 1). A margem de erro (um intervalo de confiança de 95%) para uma porcentagem da amostra p baseada na amostra subconjunto é calculada através da fórmula:

$$\hat{p} \pm 100 \times \sqrt{\frac{1 + CV^2}{n}}$$

CV é o coeficiente de variação dos pesos da amostra.

n é o tamanho da amostra utilizado para calcular a proporção.

Esta é uma medida do erro de amostragem (a média de todas as estimativas obtidas utilizando os mesmos procedimentos de seleção e ponderação de amostras repetidamente). A estimativa da amostra deveria diferir do seu valor esperado em menos do que a margem de erro em 95% de todas as amostras. Não reflete erros alheios à amostragem, incluindo um possível viés de seleção na participação do painel ou na resposta a uma pesquisa em particular.

Um dos principais objetivos deste estudo foi gerar dados representativos em nível nacional para cada um dos países participantes, de modo que pudessem ser utilizados na elaboração de políticas, pesquisas e processos de incidência próprios. A pesquisa não busca representatividade regional agregada, mas é construída a partir de amostras nacionais independentes. Os resultados permitem estabelecer comparações entre países e oferecem uma visão comparativa sobre as juventudes na América Latina e Caribe.

Em nível regional, foram realizadas 21.847 pesquisas (entre 1.100 e 2.024 por país). A Tabela N.º 1 mostra o número de pesquisas realizadas em cada país, assim como a sua margem de erro.



TABELA N.º 1 PESQUISAS REALIZADAS POR PAÍS E SUA MARGEM DE ERRO

Argentina (n = 2.007, moe: ± 2,5)	Costa Rica (n = 1.149, moe: ± 4,4)	Peru (n = 2.001, moe: ± 3,2)
Bolívia (n = 1.103, moe: ± 4,4)	Equador (n = 2.004, moe: ± 3,2)	República Dominicana (n = 1.132, moe: ± 4,7)
Brasil (n = 2.024, moe: ± 2,5)	Honduras (n = 1.100, moe: ± 4,7)	Uruguai (n = 1.108, moe: ±3,8)
Chile (n = 2.002, moe: ±2,7)	México* (n = 2.001, moe: ±3,0)	Venezuela (n = 1.103, moe: ± 3,8)
Colômbia (n = 2.004, moe: ± 2,8)	Panamá (n = 1.109, moe: ±3,9)	

A análise apresentada neste relatório comparativo oferece uma interpretação tanto descritiva quanto analítica dos resultados da pesquisa. Nas seções deste documento são desagregadas variáveis por grupos populacionais definidos a partir de critérios de gênero, idade e classe social, com o objetivo de identificar padrões, contrastes e desigualdades significativas entre segmentos das juventudes.

O gênero é considerado de forma binária (homens e mulheres), uma vez que a única identidade dissidente registrada –não binária– foi selecionada por um número reduzido de pessoas, insuficiente para formar uma categoria analítica própria. A pesquisa abrange jovens entre 15 e 35 anos. No entanto, reconhecendo que dentro dessa ampla faixa etária existem experiências, trajetórias e condições diferenciadas, optou-se por segmentar a amostra em três grupos: 15 a 17 anos, 18 a 26 anos e 27 a 35 anos. Essa divisão permite captar melhor os diferentes momentos desse período da vida, especial-

mente em relação aos processos de escolarização, inserção no mercado de trabalho e participação política.

Quanto à classificação socioeconômica, conforme mencionado anteriormente, foi utilizado o modelo de nível socioeconômico ESOMAR. Para efeitos deste relatório, os cinco níveis definidos por essa metodologia (A, B, C, D e E) foram agrupados em três grandes categorias: classes altas (AB), classes médias (C) e classes baixas (DE). Este agrupamento responde à necessidade de simplificar a análise e facilitar a comparabilidade entre países, considerando que as categorias amplas permitem captar tendências gerais sem perder capacidade explicativa. Da mesma forma, o uso dessa metodologia, amplamente difundida em estudos de opinião pública na América Latina, favorece a harmonização dos dados e a leitura regional das desigualdades sociais.



RESUMO DO RELATÓRIO REGIONAL

AUTORES/AS: ANABEL BILBAO G. (COORD.), MELINA VÁZQUEZ,
FRANKLIN RAMÍREZ, ELISA GUARANÁ DE CASTRO, ÓSCAR AGUILERA,
MARIANA LICEA E CAMILA RODRÍGUEZ.

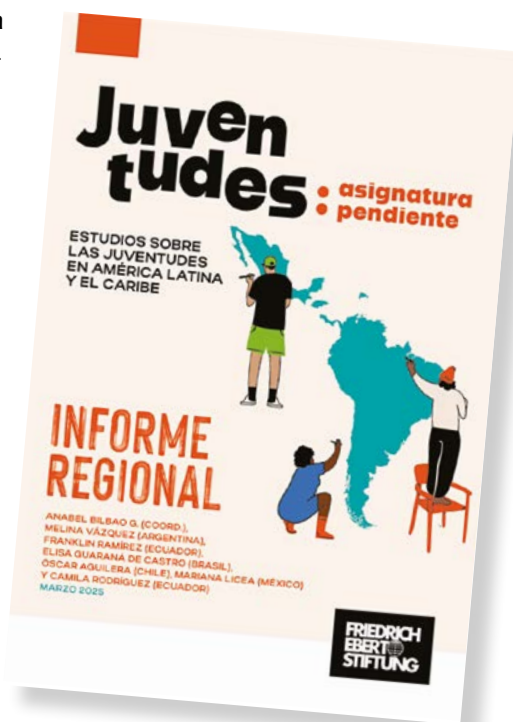
RESUMO DO RELATÓRIO REGIONAL

“PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO EM DISPUTA: JUVENTUDES E DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA E CARIBE”

A primeira seção do relatório, elaborada por Mariana Licea (México) e Camila Rodríguez (Equador), parte de uma pergunta-chave: como vivem as juventudes hoje? Embora se trate de uma geração com maior acesso ao ensino médio, o ingresso na universidade continua condicionado pela classe social: apenas entre 2% e 10% dos jovens entre 18 e 35 anos dos setores populares consegue completá-la.

No âmbito laboral, em nove dos quatorze países pesquisados, menos de 50% das juventudes entre 18 e 35 anos têm acesso a empregos com todos os benefícios previstos na lei. As desigualdades são mais acentuadas para mulheres, jovens rurais e setores de baixa renda, que, além disso, enfrentam uma carga significativa de trabalho doméstico não remunerado.

Isso se traduz em uma tendência alarmante: entre 35% e 62% dos jovens da região querem emigrar. As principais razões são a busca por novas experiências (mais de 50% em 9 dos 14 países) e a crise econômica (mais de 50% em 6 dos 14 países).



Dados-chave

- Na região, entre 14% e 42% das juventudes entre 18 e 35 anos têm emprego estável.
- Entre 29% e 57% de jovens entre 18 e 35 anos estão desempregados.
- A tendência indica que mais de 50% dos jovens nos países pesquisados estão satisfeitos com sua vida pessoal; no entanto, em cinco (Argentina, Equador, Honduras, Venezuela e Peru), mais de 60% estão insatisfeitos com a situação geral de seu país.

DEMOCRACIA, POLÍTICA E PRINCIPAIS PROBLEMAS DO PAÍS. AVALIAÇÕES DEMOCRÁTICAS E TENSÕES INSTITUCIONAIS

A segunda seção do relatório, elaborada por Óscar Aguilera (Chile), foca nas percepções das juventudes sobre a democracia, suas instituições e o funcionamento do sistema político na região. Os resultados mostram uma tensão significativa: embora entre 58% e 73% das pessoas jovens afirmem que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo, menos da metade (40%) expressa satisfação com seu funcionamento atual, com exceção do Uruguai (52%). Este dado reflete um mal-estar generalizado em relação aos sistemas democráticos que não conseguem responder de forma eficaz às demandas sociais nem garantir espaços reais de participação.

A desconfiança em relação aos partidos políticos ultrapassa os 50% na maioria dos países pesquisados (10 dos 14), o que abre caminho para o reconhecimento de figuras de liderança forte como uma solução aparente para as crises. Essa inclinação para alternativas autoritárias não implica necessariamente uma renúncia aos valores democráticos, mas deve ser interpretada como um sinal de frustração com instituições que não canalizam adequadamente as expectativas juvenis. Em contrapartida, as universidades continuam sendo uma das instituições com maior legitimidade e confiança entre as juventudes.



Dados-chave

- As juventudes entrevistadas apontam a pobreza, as drogas, a insegurança e a corrupção como os problemas mais graves em seus países; cada um com níveis de preocupação que oscilam entre 30% e 50%.
- Suas demandas prioritárias em políticas públicas são emprego, bem-estar social e segurança; as juventudes as consideram as mais urgentes para a elaboração e implementação de políticas públicas, com níveis de prioridade também situados entre 30% e 50%

VALORES, CAUSAS E DEMOCRACIA PELA ÓTICA DA JUVENTUDE. PERCEPÇÕES SOBRE A SOCIEDADE, VALORES E AGENDAS POLÍTICAS QUE MOBILIZAM AS JUVENTUDES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

A terceira seção do relatório, desenvolvida por Elisa Guaraná de Castro (Brasil), tem como foco os posicionamentos ideológicos e valores políticos das juventudes na América Latina e Caribe. Longe de ser um grupo uniforme, as pessoas jovens da região expressam uma heterogeneidade marcada por tensões entre discursos progressistas e conservadores; nesse grupo coexistem o apoio a direitos ampliados e a persistência de valores tradicionais.

A maioria das juventudes entrevistadas apoia fortemente a educação e a saúde públicas, assim como o papel ativo do Estado na garantia dos direitos. No entanto, surgem posições conservadoras em relação a temas como o aborto, o casamento igualitário ou o modelo de família, com diferenças importantes conforme o gênero, a classe social e o país.

As mulheres jovens, em geral, mostram maior afinidade com valores progressistas e com agendas ligadas aos direitos de gênero e diversidade, en-

quanto os homens tendem a sustentar posturas mais tradicionais. Essas variações evidenciam que os marcos clássicos de esquerda e direita são insuficientes para explicar o mapa ideológico juvenil. Em seu lugar, surge um novo cenário político marcado por disputas culturais, demandas por justiça social e uma crescente crítica aos sistemas de representação atuais.

A menor aprovação pela democracia não implica necessariamente sua rejeição. Embora a maioria considere que esta é a melhor forma de governo. O percentual de jovens que se consideram insatisfeitos com a democracia situa-se entre 13% (Uruguai) e 72% (Venezuela). Esse paradoxo se explica pela combinação de vários fatores: o enfraquecimento dos partidos, o desencanto com a política tradicional, as condições de vida precárias e o surgimento de discursos que promovem soluções autoritárias como resposta à crise.

Ao mesmo tempo, temas como a autonomia territorial dos povos indígenas e a defesa do meio ambiente alcançam altos níveis de aprovação. Isso evidencia uma consciência política crítica e um vínculo estreito com as agendas de justiça social construídas na última década por movimentos sociais, coletivos e organizações juvenis.

Dados-chave

- Há um grande respaldo a políticas públicas que garantam saúde, educação, liberdade de orientação sexual, identidade de gênero e uma vida livre de violência.
- Mais de 65% apoiam o direito dos povos indígenas e comunidades étnicas à autonomia sobre seus territórios.
- Entre 41% e 60% consideram que as mulheres são mais aptas do que os homens para profissões relacionadas com cuidados, especialmente em países como Brasil, Panamá, Equador e Bolívia. No Uruguai e na Argentina, esta afirmação obteve menos apoio (41%), mas em todos os países mantém-se uma percepção fortemente feminizada dos cuidados, mesmo no âmbito profissional.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: ENTRE O DESENCANTO E A AÇÃO COLETIVA.

A participação e suas práticas

A quarta e última seção do relatório, elaborada por Melina Vázquez (Argentina) e Franklin Ramírez Gallegos (Equador), analisa como as juventudes se envolvem politicamente, tanto dentro quanto fora dos canais institucionais. Em um cenário marcado pela desconfiança em relação aos partidos, instituições e organizações tradicionais, as pessoas jovens desenvolvem amplos repertórios de ação política que vão do voto ao ativismo digital, passando por protestos, intervenções culturais e redes sociais.

Embora a filiação formal a partidos políticos e a vinculação a organizações sociais não ultrapasse os 20% em nenhum dos países, as juventudes expressam interesse em se envolver em uma organização se tiverem mais informações sobre como fazê-lo. Isso revela que as baixas taxas de participação não necessariamente são sinônimo de apatia, mas sim resultado de barreiras de acesso, representação, tempo ou falta de canais adequados.

O voto, apesar do ceticismo institucional, continua sendo altamente valorizado: entre 51% e 74% das juventudes consideram que ele continua sendo uma ferramenta válida para transformar a realidade. Isso se reflete nos altos níveis de participação eleitoral observados em países como Equador, Chile, Argentina, Peru e Brasil, onde mais de 80% dos jovens entre 18 e 35 anos disseram ter votado nas últimas eleições.

Fora dos mecanismos convencionais, o ativismo juvenil encontra múltiplas formas de expressão: marchas, protestos, intervenções artísticas, campanhas digitais e organização comunitária são espaços onde se canaliza a ação política daqueles que não se sentem representados pelas instituições. Essas formas não tradicionais não só têm legitimidade entre as juventudes, mas representam um desafio direto aos modelos clássicos de participação.

Finalmente, observa-se que o interesse político está vinculado à classe social: os setores de classe média-alta e alta apresentam um interesse relativamente maior do que os setores populares, por serem os que acompanham com frequência os acontecimentos políticos. No entanto, mesmo em contextos de desafeição democrática, entre 9% e 23% das juventudes discutem ocasional ou frequentemente sobre política

Dados-chave

- Entre 34% e 50% expressam desejo de participar em organizações políticas, embora atualmente não o façam.
- As juventudes do Equador, Chile, Argentina, Peru e Brasil, entre 18 e 35 anos, lideram em participação eleitoral com taxas superiores a 80%; as mais baixas são registradas na Venezuela (46%) e no Panamá (50%).
- Entre 8% e 33% das juventudes participaram de marchas ou protestos durante o último ano; Panamá e Chile se destacam nessa forma de participação.
- Embora a confiança nos sindicatos seja baixa (5% a 17% em confiança alta), entre 25% e 36% dos jovens sentem a necessidade de mais informações sobre sindicalismo e direitos trabalhistas; e estariam dispostos a se filiar se tivessem mais informações.
- A desconfiança não se limita aos partidos políticos, poder legislativo, presidência e aos *influencers* nas redes sociais, mas também se estende a instituições como a polícia e a Igreja. Apenas as universidades mantêm um alto nível de confiança.

Em conjunto, esses dados constituem uma ferramenta estratégica para repensar o presente e o futuro das democracias na América Latina de uma perspectiva geracional. Além de serem ouvidas, as juventudes devem ser reconhecidas como atores

fundamentais na construção de agendas políticas transformadoras, capazes de renovar as instituições, ampliar as margens de participação e fortalecer os processos de justiça social na região.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/06/INFORME_REGIONAL-1.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/06/informe_regional-1.pdf)



RESUMO DO PAÍSES

ARGENTINA - BOLÍVIA - BRASIL - CHILE - COLÔMBIA - COSTA RICA
EQUADOR - HONDURAS - MÉXICO - PANAMÁ - PERU
REPÚBLICA DOMINICANA - URUGUAI - VENEZUELA

ARGENTINA



“JUVENTUDES NA ARGENTINA: ENTRE A INDIGNAÇÃO E A ESPERANÇA”. COMO PENSAM E ATUAM POLITICAMENTE AS JUVENTUDES ARGENTINAS

Melina Vázquez
Diego Beretta

O estudo analisa percepções, formas de participação e posicionamentos políticos das juventudes em um contexto de fortes transformações sociais e institucionais. Longe dos estereótipos de apatia, os dados mostram práticas diversas e desiguais de envolvimento, que vão desde ações coletivas até gestos cotidianos com significado político.

NA ARGENTINA
PARTICIPARAM DO ESTUDO
2.007 JOVENS.

PERFIL DAS JUVENTUDES ARGENTINAS

Não se trata de um grupo homogêneo: idade, gênero, classe e território moldam experiências muito distintas. A maioria vive em áreas urbanas (63%), pertence à classe média (56%) e se identifica como heterossexual (78%), com presença de orientações e identidades diversas. Predominam jovens solteiros que vivem com a família.



Entre 18 e 35 anos, o acesso ao ensino médio é altíssimo (96%), mas a desigualdade explode na universidade: 43% dos jovens da classe alta se formam e apenas 4% da classe baixa. Esse abismo se reflete no trabalho, já que 37% declaram estar desempregados e procurando emprego, com taxas mais altas nos setores populares e entre 18 e 26 anos. As mulheres enfrentam mais precariedade e mais horas de cuidados não remunerados, aprofundando as desigualdades de gênero.

Ainda assim, predomina o otimismo vital: 78% consideram que sua vida vai melhorar em cinco anos. A maioria avalia positivamente sua trajetória educativa, sobretudo em instituições públicas, e se declara satisfeita com seus laços afetivos. Há, no entanto, uma tensão: 52% desejam emigrar, principalmente por causa da crise econômica.

O VALOR DA DEMOCRACIA

As pessoas jovens continuam escolhendo a democracia, embora questionem seu desempenho. Apenas 33% se declaram satisfeitas com o sistema; 41% mantêm uma avaliação ambígua; e 26% estão insatisfeitas. Mesmo com críticas, 70% a consideram preferível a qualquer outra forma de governo, com variações por idade e ideologia.

O voto mantém um forte valor: 74% o consideram uma ferramenta de mudança – e sobe para 79% entre aqueles que se identificam com a direita. Quase 60% valorizam a figura de um “líder forte” acima das instituições (especialmente na centro-direita: 66%), em um contexto marcado pela chegada de Javier Milei ao governo. Além disso, 43% consideram que a democracia poderia funcionar sem partidos, refletindo o desapego em relação aos atores tradicionais.

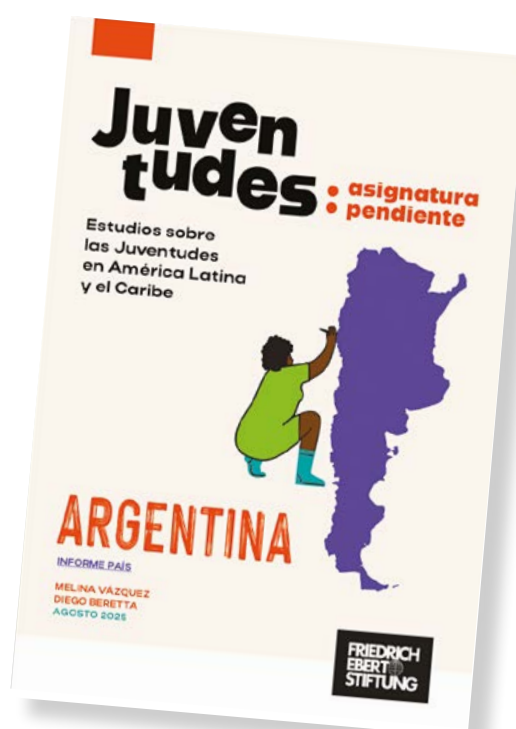
Em matéria institucional, partidos, igrejas e sindicatos concentram a maior desconfiança. As universidades são a exceção, alcançando 45% de confiança. O Poder Judiciário recebe um questionamento

transversal: 58% consideram que “nunca ou quase nunca” garante justiça.

AGENDAS, VALORES E POSICIONAMENTOS POLÍTICOS

As principais preocupações são a pobreza, o desemprego e o acesso a direitos (64%), seguidas pela insegurança (54%), o consumo de drogas (36%) e a corrupção (35%). Temas como mudança climática, violência policial ou democracia não lideram este ranking, mas emergem quando se pensa no papel do Estado: 80% sustentam que ele deve garantir educação e saúde gratuitas e de qualidade, e 82% atribuem-lhe responsabilidade pelo cuidado ambiental.

A demanda por políticas públicas é clara: emprego (seis em cada dez jovens), seguida por políticas sociais (45%), políticas de segurança cidadã (33%) e políticas de habitação (31%). As diferenças de classe social ou de orientação ideológica pouco alteram essas prioridades. Entre as políticas públicas para as juventudes mais bem avaliadas destacam-se a Educação Sexual Integral (ESI) (66%), Progresar (66%) e o Subsídio Universal por Filho (AUH) (63%), juntamente com a Renda Familiar de Emergência (IFE) (62%) e o voto jovem (58%).



Em resumo, as juventudes combinam uma agenda de direitos, busca de autonomia e uma expectativa forte sobre o Estado como garante, com tensões que se polarizam de acordo com gênero, idade e ideologia.

UMA IMAGEM DA PARTICIPAÇÃO JUVENIL

Longe do rótulo de “despolitizadas”, as juventudes querem participar; o que falta são espaços mais horizontais, inclusivos e reais. Embora 30% declarem “algum” interesse pela política e apenas 12% “muito”, a maioria conversa sobre esses temas frequentemente com a família (66%) e amigos (54%). Por volta de 13% nunca falam de política, por desinteresse, tédio ou estresse.

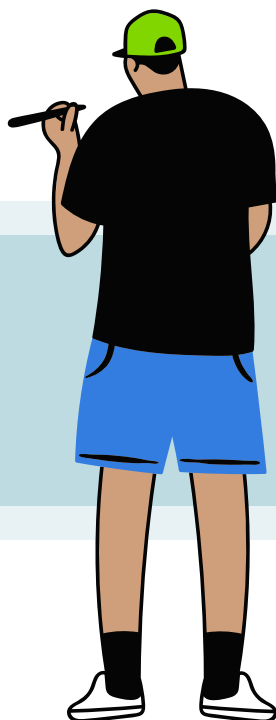
O voto continua sendo a porta de entrada: 83% participaram das eleições presidenciais de 2023. O desencanto partidário é nítido: um em cada três não se sente representado por nenhuma força. Em fevereiro de 2024, o partido La Libertad Avanza concentrava 33% das adesões, seguido pelo Unión por la Patria (10%) e pelo Juntos por el Cambio (5%). Embora apenas 10% tenham militado em um partido, 24% estariam dispostos a fazê-lo no futuro — principalmente em contextos eleitorais —, sinal de uma participação mais episódica do que sustentada.

Em organização, 62% não integraram nenhum espaço no último ano; entre aqueles que o fizeram, destacam-se os âmbitos recreativos, culturais e de voluntariado. O protesto persiste como via legítima para uma parte: 12% marcharam em 2023, motivados por injustiças, crises e causas pessoais.

Como fazemos para que pessoas jovens participem mais na política para salvar e fortalecer a democracia? O desafio não é apenas interpretar o que elas pensam ou como votam, mas como acompanhá-las na construção de espaços reais de representação, escuta e protagonismo.

Diante da desafeição, a precariedade e o surgimento de lideranças que canalizam o mal-estar, o sistema democrático tem uma oportunidade histórica: recuperar o vínculo com as novas gerações e abrir caminhos que transformem sua esperança em motor de mudança coletiva.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/10/22388.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/10/22388.pdf)

BOLÍVIA



“EXPLORANDO CONTRASTES: A DEMOCRACIA PELOS OLHOS DA JUVENTUDE BOLIVIANA”. MAL-ESTAR E DEMANDAS DAS JUVENTUDES DIANTE DO SISTEMA POLÍTICO BOLIVIANO

Josue Cortez

Apesar do desencanto com a democracia e o rumo do país, as pessoas jovens bolivianas ainda consideram o voto como uma forma de transformar a sua realidade. Afastadas das etiquetas ideológicas tradicionais, priorizam causas como a justiça social, o meio ambiente e os direitos de gênero. O relatório também analisa como se relacionam com –ou se distanciam de– os espaços de participação política organizada, abrindo uma janela para o complexo universo das suas aspirações, reivindicações e frustrações.



NA BOLÍVIA PARTICIPARAM DO ESTUDO 1.103 JOVENS.

UMA JUVENTUDE MARCADA PELA INSTABILIDADE E PELO DESGASTE DEMOCRÁTICO

As transformações políticas das últimas duas décadas moldaram uma geração que cresceu entre a polarização e a incerteza. Desde a ascensão do Movimento al Socialismo em 2006, a nacionalização do gás e a declaração da Bolívia como Estado Plurinacional, até as crises institucionais e as tensões dentro do próprio governismo, as pessoas jovens têm sido testemunhas de um modelo que não termina de responder às suas expectativas. Ainda assim, muitos continuam confiando no voto como ferramenta de mudança.

DEMANDAS URGENTES DIANTE DE UM PRESENTE DESIGUAL

Os principais problemas do país estão diretamente vinculados às condições de vida: pobreza, desemprego e acesso limitado à saúde e à educação. Isso foi expresso por 61% dos participantes da pesquisa. Essas percepções se refletem nos números oficiais: 1,4 milhão de jovens vivem em situação de pobreza moderada.



De acordo com a Pesquisa de Lares (2022), o acesso à educação básica é elevado, por este motivo, a demanda concentra-se na melhoria da qualidade do ensino.

Além disso, 46% consideram a corrupção como um problema-chave em um país que aparece entre os mais corruptos da América Latina, segundo o World Justice Project. Também preocupam a insegurança, o narcotráfico e a falta de justiça.

Diante desse panorama, as prioridades juvenis são claras: emprego digno (54%), bem-estar coletivo (43%) e maior segurança (28%). A isso se somam a proteção ambiental, o acesso à ciência e à tecnologia e o direito a uma vida digna. Estas aspirações refletem um chamado firme para construir um sistema mais justo, inclusivo e com futuro.

ENTRE O DESENCANTO DEMOCRÁTICO E O RISCO DO AUTORITARISMO

Embora 52% estejam insatisfeitos com a democracia, 51% consideram que o voto pode solucionar os problemas do país. Essa aparente contradição reflete uma relação ambivalente com a política: apenas 17% têm um grande interesse nela. No entanto, a política não é um tema distante: 85% afirmam discutir o assunto com familiares e seus amigos. A percepção de que suas preocupações estão representadas na política é baixa: apenas 27% consideram que seus problemas estão refletidos “bastante ou totalmente” no sistema político, enquanto 26% consideram que não estão refletidos de forma alguma.

Esse desencanto também se expressa em uma preocupante abertura para alternativas autoritárias. Cerca de 69% acreditam que um líder forte resolveria melhor os problemas do país do que os partidos e instituições democráticas, e quase a metade (44%) declara que tanto faz viver sob um regime democrático ou não. Apesar desses números, persiste uma maioria (68%) que afirma que a democracia é

a melhor forma de governo, uma base a partir da qual se pode trabalhar para recuperar a confiança das juventudes no sistema democrático.

DESCONFIANÇA INSTITUCIONAL: UM OBSTÁCULO À PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA

A desconfiança da juventude boliviana em relação às instituições é profunda e generalizada. Menos de 10% expressam alta confiança nos poderes do Estado –Executivo, Legislativo, Judiciário e Eleitoral–, enquanto mais de 40% desconfiam de todos eles.

Os partidos políticos e a polícia lideram a lista das instituições com menor credibilidade: 54% confiam muito pouco ou nada nelas. Mesmo instituições tradicionalmente respeitadas, como as universidades (25%) ou a Igreja (19%), registram baixos níveis de confiança. A figura presidencial e seu gabinete geram desconfiança em metade das pessoas pesquisadas.

PARTICIPAÇÃO JUVENIL: ENTRE O DESENCANTO PARTIDÁRIO E NOVAS FORMAS DE ATIVISMO

Entre 53% e 59% dos jovens não participaram nem têm interesse em participar de atividades político-partidárias; apenas 11% já se filiaram alguma vez a um partido. No entanto, um terço mostra disposição para se envolver, o que representa uma oportunidade para renovar as estruturas políticas e superar o caudilhismo.

As juventudes demonstram interesse em se envolver em formas alternativas de participação, como o voluntariado (49%), o ativismo digital

(41%) e o consumo responsável (36%). Em contraste, as ações mais de confronto, como greves ou ocupações simbólicas, geram rejeição (71% e 69%, respectivamente, dizem que não as fizeram nem querer fazer).

Da mesma forma, 51% não participaram de nenhuma organização social no último ano. As principais motivações para se integrar seriam aprender, socializar e aproveitar o tempo livre; em contraste, as razões para não participar incluem a falta de benefícios concretos, pouca conexão com seus interesses e falta de tempo.



Apesar do desencanto e da desconfiança, a juventude boliviana não renunciou a transformar seu país. Ela acredita no voto e busca novas formas de participação, mais horizontais e coerentes com seus valores.

O desafio para a Bolívia é fortalecer canais de participação reais, recuperar a confiança institucional e abrir espaços onde as juventudes sejam protagonistas.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/04/21899.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/04/21899.pdf)

BRASIL



UMA ANÁLISE SOBRE DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO E POSICIONAMENTO POLÍTICO DAS JUVENTUDES NO BRASIL: AS JUVENTUDES BRASILEIRAS DIANTE DO DESAFIO DEMOCRÁTICO

**Elisa Guaraná, Severine Macedo,
Olivia Perez, Willian Habermann**

O Brasil é um país jovem: há 48,5 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos, ou seja, um quarto da sua população (IBGE, 2022). No entanto, a construção dos direitos para as juventudes tem sido marcada por avanços e retrocessos; atravessou transformações políticas profundas, do ciclo dos governos do Partido dos Trabalhadores e a criação do Estatuto da Juventude, aos cortes durante os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro, passando pelos protestos massivos de 2013, a destituição de Dilma Rousseff e a tentativa de golpe de 2023.

O relatório explora as contradições, medos e esperanças de uma geração que está redefinindo as regras do jogo democrático

**NO BRASIL PARTICIPARAM DO
ESTUDO 2.024 JOVENS.**



ENTRE A SATISFAÇÃO PRIVADA E A PRECARIIDADE PÚBLICA

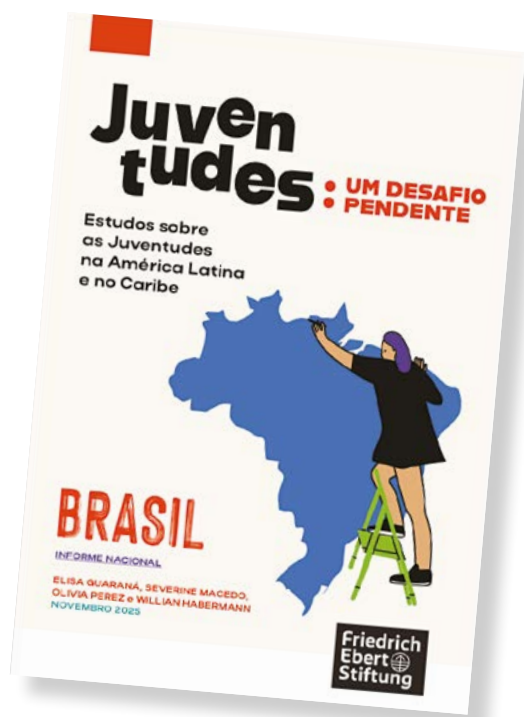
A pesquisa revela um paradoxo: os jovens brasileiros mostram altos níveis de satisfação pessoal, mas um claro desencanto com a vida pública. Os resultados mostram que 67% se declaram satisfeitos com sua vida em geral, 70% com sua família, 50% com seus amigos, 57% com a sua saúde e 59% com a educação. No entanto, quando se trata do país, o panorama muda: 45% expressam insatisfação com sua situação econômica e 55% com a situação nacional. Essas percepções refletem os efeitos das desigualdades históricas e das reformas que, após 2016, precarizaram o trabalho e reduziram os direitos sociais.

A educação é um dos aspectos mais valorizados: 67% avaliam positivamente o ensino recebido e, pela primeira vez, mais da metade da população com mais de 25 anos concluiu o ensino básico (IBGE, 2023). Em contraste, o emprego continua sendo uma dívida: apenas 36% dos jovens de 18 a 35 anos têm um emprego estável. A desigualdade atravessa esse dado: 45% das pessoas jovens brancas têm acesso a empregos formais, contra apenas 29% das pessoas jovens negras. Apesar desse fenômeno, 88% consideram que seu futuro será melhor em cinco anos, um sinal de otimismo que persiste mesmo em meio às adversidades.

O ESTADO NA MIRA: POBREZA, INSEGURANÇA E DEMANDAS JUVENIS

Para a maioria das juventudes brasileiras, os principais problemas do país têm rosto social: 61% mencionam a pobreza, o desemprego e a falta de acesso a direitos básicos como suas maiores preocupações. Em seguida, aparecem o consumo de drogas, a corrupção, a violência de gênero e o crime organizado.

A análise de gênero mostra diferenças significativas: 65% das mulheres jovens priorizam a pobreza,



o desemprego e o acesso à saúde e à educação, contra 57% dos homens. A insegurança afeta especialmente adolescentes de 15 a 17 anos (39%) e se agrava em um país onde, entre 2012 e 2021, 298.602 jovens foram assassinados, 76% deles negros, de acordo com o Plano Juventude Negra Viva.

As percepções sobre segurança e Estado são complexas: 69% apoiam penas mais severas e 70% a redução da idade penal. No entanto, metade reconhece que mais armas geram mais violência e 64% valorizam a formação profissional da polícia como estratégia preventiva.

Quanto às prioridades de política pública, o emprego lidera a lista (55%), seguido pelas políticas sociais (46%), segurança, moradia e meio ambiente. No entanto, apenas 16% afirmam conhecer alguma política pública voltada para a juventude –muito abaixo dos 44% registrados em 2013–, o que reflete o desmonte institucional dos últimos anos.

Ainda assim, a maioria continua vendo o Estado como um ator fundamental para enfrentar as desigualdades e construir um futuro mais justo, em-

bora o faça com um olhar cada vez mais crítico e desconfiado.

IDEOLOGIA, POLÍTICA E DEMOCRACIA: AMBIVALÊNCIAS JUVENIS

As juventudes brasileiras não se encaixam facilmente nas categorias tradicionais de “esquerda” ou “direita”. Há 44% que se identificam com o centro; 38%, com a direita; e 18%, com a esquerda; isso mostra a força das posições conservadoras, mas também a diversidade ideológica. O gênero marca diferenças: 20% das mulheres se situam à esquerda, contra 17% dos homens; é um sinal do impacto dos feminismos na consciência política feminina.

Quanto à democracia, 66% afirmam que ela continua sendo a melhor forma de governo, embora 58% simpatizem com a ideia de líderes fortes e 49% com uma democracia sem partidos. A maioria rejeita saídas autoritárias ou militares.

As juventudes respaldam um Estado ativo, com amplo apoio à educação e saúde públicas, proteção ambiental, redistribuição de riqueza e autonomia indígena. Também expressam posturas progressistas em direitos sexuais e reprodutivos – como o casamento igualitário e a assistência de saúde a pessoas trans, embora o aborto continue sendo um tema que gera divisão, com apenas um terço de apoio.

Trata-se de uma geração plural e contraditória, que combina demandas progressistas com adesões conservadoras. Isso reflete um campo político em constante disputa.

CONFIANÇA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA JUVENIL

A confiança nas instituições políticas tradicionais é baixa: 57% desconfiam dos partidos; 45%, da Presidência; e 42%, do Poder Legislativo. Em con-

traste, universidades, igrejas e meios de comunicação obtêm avaliações mais positivas.

A raça também marca diferenças: as juventudes negras expressam maior desconfiança em relação à Polícia e ao sistema judiciário; isso é um reflexo de sua exposição histórica à violência e à criminalização. No entanto, a maioria mantém uma confiança intermediária, o que sugere uma postura crítica mais do que uma rejeição total.

O interesse pela política é moderado: apenas 25% dizem ter muito ou bastante interesse, principalmente entre os jovens das classes altas. Entre aqueles que participam ativamente de algum tipo de organização, o engajamento ocorre principalmente por causas como a defesa da família (26%), o meio ambiente (22%), os direitos das juventudes (15%) e os movimentos antirracistas (13%).

Há 19% que afirmam não militar atualmente, mas gostariam de fazê-lo, o que evidencia um potencial de mobilização latente. As formas de ação mais comuns são o ativismo digital (23%), o consumo político (19%) e coletar assinaturas para uma petição (16%), enquanto as ações mais radicais, como greves ou ocupações simbólicas, têm baixa adesão.

Esses números mostram uma juventude crítica com as instituições, mas aberta a novas formas de participação e disposta a agir quando as causas se conectam com sua vida cotidiana.

JUVENTUDES DIGITAIS: ENTRE A INFORMAÇÃO E A MOBILIZAÇÃO

As redes sociais ocupam um lugar central na vida das juventudes brasileiras, tanto para se informar como para se expressar. O estudo mostra que 93% consomem notícias diariamente ou várias vezes por semana; as redes são sua principal fonte de informação política (57%), seguidas pela televisão (45%) e plataformas como YouTube ou WhatsApp.

No entanto, o uso desses espaços é majoritariamente passivo, focado no entretenimento ou na interação social, o que limita seu potencial mobilizador. A participação digital mais frequente é reagir, compartilhar ou comentar publicações,

enquanto a criação de conteúdo político –campanhas, blogs ou memes– tem baixa incidência. Assim, 39% declaram ter se mobilizado nas redes sociais e 20% mostram interesse em fazê-lo, evidenciando um terreno fértil para a ação futura.

As juventudes brasileiras vivem entre a desconfiança institucional e a esperança de um futuro mais justo. Embora sua participação política tradicional seja baixa, existe um potencial de mobilização crescente, especialmente em torno de causas como meio ambiente, feminismo, antirracismo e direitos humanos.

Reconhecer as juventudes como atores políticos plenos e fortalecer políticas públicas inclusivas e interseccionais será fundamental para transformar suas demandas em motores de uma democracia mais justa e participativa.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em português,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/11/22422.PDF](https://juventudesasignaturapendente.com/wp-content/uploads/2025/11/22422.pdf)

CHILE



“JOVENS, POLÍTICA E DEMOCRACIA NO CHILE: UMA CONVERSA PARA MUDAR”. TENSÕES E DESAFIOS DA JUVENTUDE DIANTE DO SISTEMA DEMOCRÁTICO

Óscar Aguilera, Francisco Álvarez Langenbach

Os dados mostram que sete em cada dez jovens chilenos consideram que a democracia é a melhor forma de governo e valorizam o voto como um mecanismo real de transformação social, o que marca uma mudança importante em relação às décadas anteriores de desafeição eleitoral. No entanto, surgem sinais de alerta: menos de 30% se declaram satisfeitos com a democracia e quase metade considera que um governo militar poderia ser uma alternativa em tempos de crise. Essa combinação de apoio normativo à democracia com atração por lideranças fortes reflete um cenário de contradições que interpela as instituições e o debate público sobre o futuro político do país.

Os achados não apenas mostram como eles se vinculam à política, mas também abrem uma reflexão sobre como construir cidadania em um país onde as juventudes têm sido protagonistas das principais transformações sociais das últimas duas décadas.

NO CHILE PARTICIPARAM DO ESTUDO 2.002 JOVENS.



ENTRE A PRECARIIDADE E O DESAFIO DEMOCRÁTICO

A juventude chilena vive em meio a fortes contrastes. Embora a maioria seja proveniente de domicílios cujo chefe de família possui nível educacional médio ou técnico (40%), seguidos por ensino superior completo (23%) e incompleto (15%), esses avanços não garantem estabilidade laboral: 47% das pessoas jovens de 18 a 35 anos declaram estar sem emprego. Por isso, em matéria de saúde, 36% têm seguro público e 14% têm seguro privado, mas um em cada quatro não tem cobertura alguma, um dado que reflete a fragilidade do sistema de proteção social.

No plano pessoal, as pessoas jovens se sentem satisfeitas com sua vida familiar (72%) e pessoal (58%), mas essa satisfação diminui quando avaliam sua situação econômica (34% pouco ou nada satisfeitos) e, sobretudo, a do país (44%). Essa dualidade revela uma geração resiliente no íntimo, mas crítica em relação ao rumo coletivo do Chile.

Quando questionados sobre as questões mais urgentes, as preocupações são concretas: drogas (55%), pobreza e desemprego (49%), crime organizado (46%) e insegurança (42%) lideram a lista. Abaixo seguem a violência de gênero, a justiça e a falta de democracia.

Suas prioridades em relação ao Estado são claras: políticas de bem-estar social (47%), emprego (47%), segurança (37%) e moradia (31%). Os temas de direitos sexuais e reprodutivos (12%) e cultura (7%) aparecem em segundo plano.

Quanto ao acesso à informação, 67% das juventudes se informam principalmente através das redes sociais, seguidas pela televisão (45%). YouTube, WhatsApp e jornais online alcançam entre 26% e 20%. Por sua vez, o uso do tempo também reflete suas prioridades: eles dedicam cerca de nove horas semanais ao trabalho, seis horas ao lazer ou às redes sociais e apenas uma hora ao ativismo ou voluntariado. A política institucional, portanto, compete com a vida cotidiana, marcada pela sobrevivência e pelos vínculos sociais.



Finalmente, a relação com a democracia é marcada pela desconfiança: apenas 26% se declaram satisfeitos com seu funcionamento, embora sete em cada dez continuem a considerá-la a melhor forma de governo. Esse desencanto não implica uma rejeição total, mas uma crítica à forma como o sistema funciona hoje. Ainda assim, as tendências autoritárias são preocupantes: 33% dizem que não faz diferença viver em democracia ou não, 48% consideram que um governo militar pode ser uma solução em tempos de crise e 41% preferem um governo autoritário em alguns casos. O desafio é claro: reconectar as juventudes com a democracia não apenas como um ideal, mas como uma prática que responda às suas demandas reais.

O QUE EXPLICA COMO PENSAM POLITICAMENTE AS PESSOAS JOVENS?

Para além das opiniões, o estudo procurou entender quais fatores determinam como se posicionam as juventudes no espectro político. Os resultados mostram que as diferenças não dependem tanto da idade, gênero ou classe social, mas de suas atitudes e valores em relação à política, economia e cultura.

Na dimensão política, surgem dois perfis: o “autoritarismo” –que agrupa aqueles que justificam soluções militares ou regimes não democráticos– e o “liberalismo”– que valoriza a democracia, mas desconfia dos partidos e das lideranças fracas. Os mais autoritários tendem a se identificar com a direita, enquanto os iliberais podem se situar tanto à esquerda quanto à direita, o que sugere novas formas de pensar a política.

No plano econômico, aqueles que rejeitam as políticas redistributivas e preferem que o setor privado administre os serviços públicos se situam mais à direita. Na dimensão cultural, jovens mais conservadores e menos afinados com as demandas feministas também se inclinam para a direita. A

conclusão principal é que as diferenças ideológicas não se explicam apenas pela condição social, mas pela forma como se posicionam em relação a temas concretos, como a igualdade de gênero, o papel do Estado e a própria democracia.

CONCLUSÕES: JOVENS, DEMOCRACIA E O DESAFIO DE CONFIAR NO FUTURO

Os resultados evidenciam uma tensão persistente entre a valorização da democracia e a insatisfação com seu funcionamento. Embora as juventudes chilenas reconheçam a democracia como o melhor sistema de governo, expressam profunda desconfiança em relação às suas instituições e questionam a capacidade da política de oferecer respostas efetivas às suas demandas.

O estudo identifica duas atitudes distintas diante do sistema: o autoritarismo, mais ligado à direita e crítico da democracia em si; e o liberalismo, que defende a democracia, mas com uma visão reduzida, centrada em líderes fortes e sem partidos. Essa diferença é chave, porque mostra que nem todo desencanto juvenil implica querer uma ditadura, mas pode se traduzir em uma visão mais limitada da participação democrática.

Embora muitos jovens se declarem de centro ou próximos à direita, seus valores tendem a ser mais liberais no cultural e redistributivos no econômico. No entanto, persiste a desconfiança em relação ao Estado, o que explica por que em alguns casos eles preferem que o setor privado administre os serviços públicos.

O grande desafio está na participação. Os jovens dos setores populares são os que menos se envolvem em organizações sociais ou políticas, o que pode deixá-los de fora do debate público. Se essa tendência se combinar com a desconfiança institucional, reforça-se um círculo de exclusão.

A mensagem é clara: sem políticas que fortaleçam a confiança e promovam a participação juvenil, a democracia chilena continuará enfrentando um déficit de legitimidade e representatividade.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/10/22387.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/10/22387.pdf)

COLÔMBIA



“PORQUE AMANHÃ SERÁ BONITO”: RADIOGRAFIA DE UMA JUVENTUDE CRÍTICA E ESPERANÇOSA NA COLÔMBIA

**Juliana Hernández de la Torre,
Miyerlandy Cabanzo Valencia**

As vozes dos jovens colombianos mostram uma geração que questiona o presente, consciente dos desafios estruturais do país, mas que mantém viva a esperança na transformação social. Este estudo é um diagnóstico profundo sobre as juventudes em um contexto de desigualdade, precariedade econômica e desconfiança institucional, mas também marcado por uma forte expectativa de mudança.

NA COLÔMBIA PARTICIPARAM
DO ESTUDO 2.004 JOVENS.

UM PAÍS QUE MOBILIZA: JUVENTUDE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Entre 2011 e 2021, a Colômbia viveu um ciclo sustentado de mobilização juvenil –desde os protestos estudantis pela educação até a eclosão social de 2021–, que abriu caminho para o primeiro governo de esquerda na história recente, liderado por Gustavo Petro e Francia Márquez.

Ainda assim, o descontentamento persiste. A insegurança, o descumprimento de promessas governamentais e a falta de respostas estruturais deterioraram a confiança nas instituições. A taxa de desemprego juvenil atingiu 19,2% em 2024; e



37% dos que trabalham ganham menos de US\$ 300 por mês (DANE,2024). Além disso, a cobertura do ensino superior continua desigual: mais de 700 municípios apresentam taxas inferiores a 50%.

Apesar disso, a juventude colombiana mantém um olhar esperançoso para o futuro e uma convicção em sua capacidade de mudança (SNIES, 2024).

PARA ALÉM DO VOTO

Segundo o estudo, 58% dos jovens consideram que o voto pode transformar a realidade, embora sua participação política se expresse, sobretudo, por meios não convencionais: deixar de consumir produtos por razões políticas ou ambientais (24%), ativismo digital (20%) ou participar de protestos ou coleta de assinaturas (19%). Entre aqueles que não participam, 45% estariam dispostos a fazê-lo, principalmente por meio de voluntariado ou redes sociais (36%). Em 2021, foram realizadas pela primeira vez as eleições para os Conselhos Municipais de Juventude. Embora a participação tenha sido limitada, esse processo representou um marco institucional para a representação política juvenil e lançou as bases para sua continuidade e fortalecimento em eleições posteriores, que registraram uma leve melhora na participação e maior disputa política por esses espaços.

CRÍTICA COM O PRESENTE, OTIMISTA COM O FUTURO

As principais preocupações das juventudes colombianas são a pobreza (65%), o consumo de drogas (49%), a insegurança (45%) e a corrupção (42%). A isso se somam fenômenos persistentes como a violência de gênero, a violência policial e a migração forçada.



Em relação às políticas públicas, suas prioridades são claras:

- Emprego e economia jovem (63% das mulheres, 57% dos homens).
- Educação, saúde e seguridade social (51% das mulheres, 48% dos homens).

Em meio à precariedade, 86% acreditam que sua vida vai melhorar nos próximos cinco anos. Essa esperança convive com uma visão crítica do Estado e a percepção de que as instituições não respondem adequadamente às suas necessidades.

UMA RELAÇÃO AMBIVALENTE COM AS INSTITUIÇÕES

Cerca de 69% dos jovens preferem a democracia a qualquer outro sistema, mas apenas 8% se sentem “muito satisfeitos” com seu funcionamento. Os sinais de alerta são evidentes:

- 61% não confiam nos partidos políticos.
- Apenas 37% confiam nas universidades (a instituição mais bem avaliada).
- O Congresso (51%) e os partidos políticos (61%) geram baixos níveis de confiança.

Além disso, identifica-se uma brecha geracional e de gênero: enquanto as mulheres tendem a posições progressistas, os homens jovens apresentam níveis mais elevados de conservadorismo. Entre eles, 52% pensam que o feminismo “busca subjugar os homens” e 30% têm uma tendência a aceitar lideranças e governos autoritários.

ENTRE O CENTRO POLÍTICO E A BUSCA POR OPORTUNIDADES

Embora o país esteja governado pela esquerda, a maioria dos jovens se identificam com o centro político (58%) ou com a direita (26%). Além disso, as razões mais comuns para não participar de organizações são: falta de tempo (34%), ausência de organizações que representem seus interesses (40%) e preferência pela ação individual (30%).

Aqueles que responderam afirmativamente quanto à sua participação em alguma organização mencionaram que o fazem, principalmente, para adquirir experiência (41%), ajudar outras pessoas (33%) ou socializar (29%), mais do que por motivações políticas tradicionais.

De modo geral, seis em cada dez jovens manifestam o desejo de emigrar, refletindo a busca por oportunidades fora do país. A migração surge como uma opção de vida: entre aqueles que gostariam de emigrar, 52% o fariam em busca de novas experiências ou em razão da crise econômica, e 43% apontam a falta de emprego como principal motivo.

REDES SOCIAIS, NOVOS CENÁRIOS DO POLÍTICO

As redes sociais são o principal meio de informação política para as juventudes colombianas: 63% as utilizam, acima da televisão ou da imprensa. As formas mais comuns de participação digital são: curtir conteúdo político (34%), buscar informações (28%) e compartilhar memes (27%). Apenas um pequeno grupo cria seu próprio conteúdo para promover campanhas (4%) e escrever blogs (5%). As principais causas que defendem online são o meio ambiente (22%), os direitos juvenis (14%) e o feminismo ou questões de gênero (10%). No entanto, o ambiente digital também apresenta riscos: desinformação, discursos de ódio, radicalização, manipulação algorítmica e efeitos na saúde mental.

Embora a juventude desconfie dos canais tradicionais, ela não renunciou à democracia nem à ação coletiva. Isso representa uma oportunidade para se reconectar com a política por meio de propostas mais inclusivas, pedagógicas e criativas, que falem sua linguagem e respondam às suas realidades.

Os partidos, o Estado e a sociedade civil enfrentam um desafio comum: oferecer respostas reais e representativas a uma geração que já não espera ser convidada a participar, mas busca redefinir as formas de fazer política a partir do digital, do cotidiano e do emocional.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/04/21595.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/04/21595.pdf)

COSTA RICA



“JOVENS NA COSTA RICA ENTRE A DEMOCRACIA E O AUTORITARISMO”: TENSÕES E DESAFIOS DEMOCRÁTICOS DA JUVENTUDE COSTARRIQUENHA

**Ilka Treminio Sánchez,
Cathalina García Santamaria**

Este é um diagnóstico aprofundado sobre as juventudes costarrriquenhas em um contexto marcado pela desigualdade, a baixa confiança institucional, a preocupação com o emprego e um crescente desencanto político.

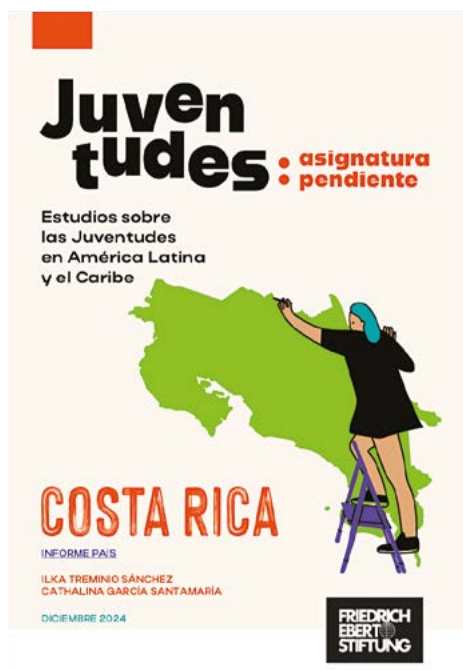
Ainda assim, o estudo revela um potencial transformador se forem criados espaços reais de participação e representação juvenil.

**NA COSTA RICA PARTICIPARAM DO
ESTUDO 1.149 JOVENS.**

FRAGMENTAÇÃO ELEITORAL E DESENCANTO INSTITUCIONAL

A Costa Rica vive um cenário político caracterizado pela fragmentação partidária, pelo enfraquecimento dos canais democráticos tradicionais e por uma crescente desafeição institucional. As eleições de 2022 registraram uma participação historicamente baixa (56,7% no segundo turno) e o maior número





ENTRE O IDEAL DEMOCRÁTICO E A TENTAÇÃO AUTORITÁRIA

Entre os jovens costarriquenhos, 58% preferem a democracia como sistema de governo e 68% acreditam que votar pode transformar a realidade. No entanto, quatro em cada dez aceitariam um governo autoritário se este “resolvesse os problemas do país. De fato, a satisfação democrática é baixa: 37% se declaram satisfeitos; 47%, medianamente satisfeitos; e 16%, insatisfeitos. Entre os adolescentes de 15 a 17 anos, 56% defendem a democracia, número que sobe para 65% entre os jovens de 27 a 35 anos. Mas entre aqueles com idades entre 18 e 26 anos, 42% admitem que, sob certas circunstâncias, poderiam preferir um regime autoritário.

Este panorama revela uma juventude que valoriza a democracia no ideal, mas desconfia de sua eficácia prática. Isso reforça a urgência de fortalecer a educação cívica, a participação real e as políticas públicas inclusivas que reconectem as juventudes com a vida democrática.

de partidos registrados desde 1953, reflexo de uma cidadania dispersa e desconfiada. Desse contexto surgiu o Partido Progresso Social Democrático, que levou ao poder Rodrigo Chaves (TSE, 2022).

O estilo confrontativo de Chaves representou uma ruptura com a tradição institucional do país. Embora governe com minoria legislativa (10 de 57 cadeiras) e tenha rompido com seu próprio partido antes da metade do mandato, ele mantém altos níveis de aprovação (54% em abril de 2025, segundo o CIEP-UCR).

No plano econômico, o desemprego geral caiu para 7,82%, mas entre os jovens de 15 a 24 anos chega a 21,06%. A pobreza relativa caiu para 21,8% e a extrema pobreza para 6,3%, embora o investimento social tenha caído para o nível mais baixo em uma década (de 12% para 9,7% do PIB); tudo isso afetou especialmente a educação e as políticas para as juventudes.

Esse panorama gera desconfiança e desilusão entre as juventudes, que enfrentam maior desemprego, exclusão e escassa representação política.

O QUE PREOCUPA E MOBILIZA AS JUVENTUDES COSTARRIQUENHAS

As principais preocupações são o consumo de drogas (64%); a pobreza, o desemprego e a falta de acesso a direitos básicos (55%); e o crime organizado e o narcotráfico (50%). Em matéria de políticas públicas, o emprego (60%) lidera as prioridades, seguido pelo bem-estar social (43%) –que inclui educação, saúde e segurança social– e a segurança cidadã (38%) (INEC, 2024).

As mulheres priorizam mais do que os homens as políticas de emprego e bem-estar social; enquanto a segurança social se destaca especialmente entre os jovens de 27 a 35 anos e entre aqueles que se identificam como católicos.

DISTÂNCIA COM O PARTIDÁRIO, MAS NÃO COM O PÚBLICO

Entre as juventudes, 46% declaram ter pouco ou nenhum interesse em política, e apenas 17% demonstram um alto nível de interesse. No entanto, essa distância não implica apatia: muitas pessoas jovens se envolvem em causas sociais e comunitárias a partir de espaços não partidários. A participação política se concentra em atividades tradicionais, como apoiar campanhas, persuadir outras pessoas a votar ou divulgar mensagens de partidos nas redes sociais.

Embora a digitalização tenha aberto novos canais de expressão, não gerou uma transformação significativa em direção a formas de ativismo alternativas. Curiosamente, os níveis mais altos de participação são registrados entre jovens críticos do sistema democrático, o que sugere que o discurso de oposição nas redes sociais está captando o interesse de setores desencantados.

Por sua vez, entre as formas não partidárias de participação, destacam-se as organizações religiosas e os clubes esportivos, com mais de 15% de participação em ambos os casos.

REDES SOCIAIS: PRINCIPAL FONTE DE INFORMAÇÃO, MAS COM PARTICIPAÇÃO PASSIVA

As redes sociais são o principal canal de informação para 68% das juventudes costarriquenhas, seguidas pela televisão (41%), WhatsApp (28%) e YouTube (20%).

As mulheres usam mais as redes (73% vs 63% homens), enquanto os homens preferem a televisão (45% vs 38% homens). No entanto, a maioria mantém uma participação digital passiva: predominam ações como dar likes ou compartilhar memes, ante iniciativas mais ativas como escrever blogs ou criar campanhas. Apenas uma minoria produz conteúdo político próprio. As mulheres participam mais em temas como feminismo, direitos sexuais e antirracismo, enquanto os homens participam mais em direitos digitais.

Essa baixa participação ativa expõe as juventudes a bolhas algorítmicas que reforçam mensagens polarizadoras e normalizam discursos violentos ou desinformativos. Isso representa um risco para a cultura democrática, especialmente diante do enfraquecimento da educação cívica e da formação crítica.

As juventudes costarriquenhas enfrentam um cenário político fragmentado, com desigualdades persistentes e baixa confiança institucional, mas não são uma geração apática. Elas estão presentes em suas comunidades, nas redes sociais e em novas formas de ativismo cotidiano, que combinam o social e o político a partir de abordagens mais horizontais, diversas e disruptivas.

O estudo mostra uma clara disposição para se envolver, especialmente em espaços não partidários e conectados com seus interesses reais. As juventudes não são espectadoras: são protagonistas na construção democrática.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/04/21992.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/04/21992.pdf)

EQUADOR



PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS JUVENTUDES NO EQUADOR: ENTRE O MEDO, A PRECARIEDADE E AS DESIGUALDADES

Franklin Ramírez Gallegos

Mais de seis milhões de jovens equatorianos entre 15 e 35 anos –um terço da população– enfrentam condições de precariedade, insegurança e exclusão que limitam sua participação política. O relatório apresenta uma realidade complexa: seis em cada dez pessoas sem emprego são jovens, e um em cada quatro não estuda nem trabalha.

Além disso, revela-se um paradoxo central: embora as juventudes mantenham um amplo respaldo à democracia e demonstrem afinidade com causas progressistas, também cresce a aceitação de saídas autoritárias diante do medo e da violência. Longe dos partidos tradicionais, as novas gerações reinventam sua ação política por meio do ativismo digital e de formas associativas mais horizontais; no entanto, as desigualdades de classe, gênero e educação continuam definindo quem pode participar e quem fica de fora do espaço público

NO EQUADOR PARTICIPARAM DO ESTUDO 2.004 JOVENS.



CRISE MÚLTIPLA, MAL-ESTAR E MEDO

O Equador atravessa uma crise estrutural nos âmbitos político, econômico e social. Em menos de uma década, três governos –Lenín Moreno, Guillermo Lasso e Daniel Noboa– reduziram o papel do Estado, enquanto a violência atinge níveis sem precedentes. Entre 2021 e 2025, foram registrados mais de 25.000 homicídios e, em 2023, o país se tornou o mais violento da região, com uma taxa de 47,2 homicídios por 100.000 habitantes. Em janeiro de 2024, o presidente Noboa declarou um “conflito armado interno”, o que consolidou uma política de segurança militarizada e estados de exceção quase permanentes.

A crise também se manifesta no trabalho e na educação. Segundo o Instituto Nacional de Estatística e Censos (INEC), a informalidade atingiu 55,2%; o emprego adequado, 34,1%; e o subemprego, 23,2%. A pobreza por renda atingiu 28% e a pobreza extrema, 12,7%. A matrícula escolar caiu para 4,1 milhões de estudantes, o número mais baixo desde 2019, deixando cerca de 450.000 jovens fora do sistema, especialmente em províncias como Esmeraldas.

Quando se perguntou às juventudes sobre os principais problemas do país, mencionaram a pobreza, o desemprego e a falta de acesso a direitos básicos (56%), seguidos pelo crime organizado e o tráfico de drogas (53%), a insegurança (49%), o consumo de drogas (44%) e a corrupção (31%). Mais da metade, 57%, deseja emigrar; entre eles, 60% emigrariam por motivos econômicos; 51%, por falta de emprego; e 35%, por medo da violência.

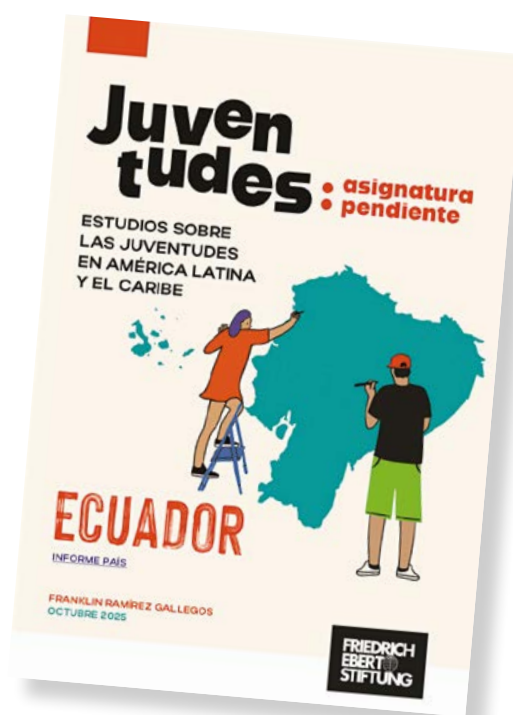
O mal-estar é generalizado: 66% estão insatisfeitos com a situação do país e 52% com sua situação econômica. O medo também reconfigurou a vida pública: quatro em cada dez jovens deixaram de frequentar festas ou atividades culturais, cinco em cada dez reduziram o uso do transporte público e 23% deixaram de participar de protestos. No entanto, persiste uma esperança obstinada: 86%

acreditam que sua vida melhorará nos próximos cinco anos.

EMPREGO JUVENIL E EDUCAÇÃO: ENTRE A PRECARIIDADE E AS DESIGUALDADES

Em 2024, apenas 31,8% dos jovens entre 18 e 35 anos tiveram acesso a um emprego adequado. O desemprego juvenil (9,2%) é o dobro da média nacional. Após a pandemia, a precariedade laboral acentuou-se e as brechas de gênero se ampliaram: enquanto o emprego adequado masculino aumentou para 35,5%, o feminino mal chegou a 26,2%. Além disso, o desemprego feminino cresceu de 10,9% para 12,8% entre 2023 e 2024 (ENEMDU, 2025).

De acordo com a pesquisa Juventudes: Um Desafio Pendente, apenas 15% dos jovens entre 18 e 35 anos possuem um emprego estável e, entre aqueles que trabalham, somente 38% recebem a totalidade dos benefícios previstos em lei. As formas de inserção laboral são majoritariamente instáveis:



entre os que trabalham, predominam os empregos de meio período (19%), por horas (10%), ocasionais ou online (4%) e aqueles mediados por plataformas digitais (1%).

Na educação, as disparidades são profundas. Apenas 24% de jovens entre 18 e 35 anos têm acesso ao ensino superior, e a origem social determina as oportunidades: apenas 5% dos jovens das classes mais baixas concluem a universidade, contra 17% das classes médias e 32% das classes altas. O ensino médio representa o teto educacional para dois terços dos setores baixos e médios, e 11% dos jovens de baixa renda não concluem esse nível. Com baixa escolaridade, o desemprego sobe para 62%, enquanto entre aqueles com formação universitária cai para 44%, com 28% conseguindo emprego estável. Estudar abre portas, mas sem políticas que conectem educação e produção, o diploma por si só não rompe o ciclo de precariedade.

DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: ENTRE A VIOLÊNCIA E A TENTAÇÃO DA ORDEM

A onda de violência e a sensação de insegurança impulsionaram uma demanda por ordem que se traduz em maior tolerância em relação a soluções autoritárias. Segundo o estudo, 62% dos jovens apoiariam um governo militar em caso de crise, e quase a metade aceitaria um regime autoritário sob certas circunstâncias, enquanto apenas 36% o rejeitam. Três em cada quatro acreditam que um líder forte resolveria melhor os problemas do que os partidos ou as instituições.

Apesar disso, as bases democráticas se mantêm: 66% preferem a democracia a qualquer outra forma de governo e 65% confiam no voto como ferramenta de mudança. A satisfação com o sistema é moderada (48%), e 46% afirmam ser indiferente viver em democracia ou não. Essa ambivalência revela

uma geração que valoriza o ideal democrático, mas desconfia de sua capacidade de protegê-los.

DESCONFIANÇA INSTITUCIONAL E BEM-ESTAR SUBJETIVO

A confiança juvenil nas instituições é baixa em quase todos os âmbitos, exceto nas Forças Armadas, que concentram 54% de aprovação no atual contexto de “guerra interna”. Os níveis de credibilidade são mínimos no resto do sistema: apenas 13% confiam nos movimentos sociais; 8% nos sindicatos; e 10% nos partidos políticos. No Estado, 24% expressam confiança no governo central, 12% nos governos locais, 14% na justiça e 11% na Assembleia Nacional. As universidades são uma das poucas instituições com avaliação positiva (32%).

No plano pessoal, a família continua sendo o principal apoio emocional: 66% se declaram satisfeitos com sua vida familiar e 44% com suas amizades. Esse bem-estar íntimo, no entanto, não consegue compensar a perda de confiança no coletivo.

INTERESSE POLÍTICO E PARTICIPAÇÃO: UMA GERAÇÃO QUE CONVERSA, MAS TEME SE MOBILIZAR

O interesse político está dividido: 45% demonstram pouco ou nenhum interesse, enquanto 20% se declaram muito interessados. A conversa sobre política ocorre principalmente em espaços de confiança: 56% conversam com sua família e 45% com amigos. Em contrapartida, os espaços públicos se esvaziam.

Embora 86% dos jovens entre 18 e 35 anos tenham votado nas eleições de 2023, apenas 9% alguma vez se filiou a um partido político. O protesto é contido pelo medo: apenas 8% participaram de marchas

durante o último ano e, entre aqueles que não o fizeram, predominam o temor à repressão, a falta de tempo ou a ideia de que “não adianta nada”.

Em contrapartida, o espaço digital ganha terreno como meio de expressão política. Dois em cada dez jovens apoiaram campanhas nas redes sociais e 16% se pronunciaram sobre algum tema. O Facebook é a principal fonte de informação política (23%). Embora metade não se tenha pronunciado publicamente, muitos expressam o desejo de o fazer mais para frente.

PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA E CAUSAS MOBILIZADORAS

A participação organizada continua sendo baixa, mas não ausente. Os dados revelam que 12% participam de organizações sociais, enquanto clubes esportivos (20%) e espaços religiosos (15%) são os lugares de maior envolvimento. As associações de bairro, estudantis e culturais não ultrapassam 5%.

As causas que mais mobilizam nas redes sociais são a defesa do meio ambiente e dos territórios (19%), os direitos das juventudes (15%) e as agendas de vida e família (14%), seguidas pelos feminismos (10%) e direitos das pessoas afrodescendentes, negras e movimentos antirracistas (8%).

IDEOLOGIA E VALORES: UM PROGRESSISMO LIMITADO PELA DESIGUALDADE

No mapa ideológico juvenil, a centro-esquerda predomina com 47%, contra 30% que se situam na centro-direita. No total, 56% se posicionam à esquerda do espectro político e 44% à direita. As mulheres e os setores populares tendem mais a posturas progressistas.

Das pessoas jovens, 85% apoiam a gratuidade da educação e da saúde, e 72% apoiam impostos mais altos para os mais ricos. A proteção ambiental é uma prioridade para 85%. A democracia paritária recebe apoio de 68%; a autonomia indígena, de 77%; e a igualdade de direitos para migrantes, de 56%. Em matéria de direitos LGBTQI+, 74% defendem a liberdade de orientação sexual e identidade de gênero; 65%, o acesso à saúde trans; e 60%, o casamento igualitário.

No entanto, persistem visões conservadoras: 54% consideram que as mulheres são mais aptas para o cuidado, 41% validam as cantadas na rua e 39% consideram que a maternidade traz mais realização do que outras opções. Essas tensões mostram um progressismo que avança, mas que ainda é marcado por estereótipos de gênero e valores tradicionais.

Não se trata de uma geração apática, mas sim de uma geração que busca outras formas de influência: mais horizontais, digitais e comunitárias. O desafio está em criar espaços seguros e reais para sua participação e garantir políticas públicas com enfoque geracional, participativo e territorial.

As juventudes equatorianas não são espectadoras. Ouvir suas vozes e responder às suas demandas será decisivo para o futuro democrático do país.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/10/22413.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/10/22413.pdf)

HONDURAS



AS JUVENTUDES HONDURENHAS: ENTRE A INSATISFAÇÃO COM O PRESENTE E A ESPERANÇA NO FUTURO

Elías Villalta

O estudo “Situação da participação e opinião política das juventudes em Honduras” traça uma radiografia do sentir juvenil em relação à política. Apesar do desencanto com a democracia e o rumo do país, os jovens em Honduras ainda consideram o voto como uma via para transformar sua realidade e mantêm a convicção de que o futuro pode ser muito melhor. Afastados dos rótulos ideológicos tradicionais, priorizam causas como a justiça social e o meio ambiente. O relatório explora como elas se relacionam com os espaços de participação política organizada, abrindo uma janela para o complexo universo de suas aspirações, demandas e frustrações.

EM HONDURAS PARTICIPARAM
NO ESTUDO 1.100 JOVENS.

CONDIÇÕES DE VIDA DAS JUVENTUDES EM HONDURAS

Embora 52% das juventudes manifestem satisfação com sua vida pessoal, a realidade do país as atinge de frente: 68% se sentem insatisfeitos com a situação nacional e 62% com sua própria economia. A precariedade laboral é uma das principais razões. Apenas 20% dos jovens entre 18 e 35 anos têm um

emprego estável e 21% têm empregos temporários; metade da população jovem simplesmente não trabalha, mas está procurando emprego.

A falta de oportunidades explica outro dado importante: 51% da juventude hondurenha deseja emigrar, motivada principalmente pela crise econômica (72%) e pela falta de emprego (49%). Mesmo assim, o otimismo persiste; 40% acham que seu futuro será muito melhor do que agora e outros 41% o percebem como melhor.

No âmbito educativo, mais da metade (54%) está satisfeita com a formação recebida. No entanto, apenas 12% dos jovens entre 18 e 35 anos acedem à universidade, o que limita as suas possibilidades de inserção laboral e desenvolvimento profissional.

VISÃO DA DEMOCRACIA, CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES E INTERESSE NA POLÍTICA

A democracia continua sendo valorizada como a melhor forma de governo, embora sem plena satisfação. Apenas 2% dizem estar muito satisfeitos com seu funcionamento e 26% nada satisfeitos. 74% expressam preferência por líderes fortes para resolver problemas em lugar de partidos e instituições, e metade considera que a democracia poderia funcionar sem partidos políticos.

A desconfiança institucional também pesa: os partidos políticos (58%) e a Presidência junto com seu gabinete (50%) geram os maiores níveis de rejeição; em contraste, as universidades (39%) e a Igreja (40%) concentram a confiança juvenil. Talvez por isso, os temas políticos

raramente aparecem em suas conversas. 41% dizem falar pouco sobre política e 19% nunca o fazem, principalmente porque não lhes interessa, não a entendem ou a consideram conflituosa. Entre aqueles que discutem assuntos políticos, os espaços preferidos são a família (53%) e os círculos de amigos (43%); em menor medida, eles o fazem no trabalho (21%) ou com seus parceiros/as (11%).

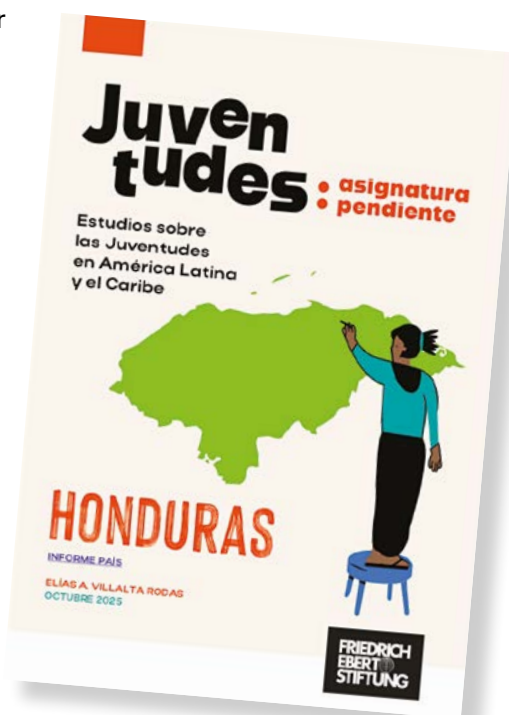
Como a maioria dos jovens não está organizada, os partidos, sindicatos ou outras formas de organização coletiva representam apenas 6% como espaços de intercâmbio político; as redes sociais e os fóruns digitais atingem 4%.

Esses dados evidenciam que, embora existam espaços de conversa, a discussão política entre os jovens ocorre principalmente em ambientes fechados e homogêneos, onde se conversa com pessoas afins e se evita o confronto ou a troca de ideias. Nesse sentido, a política tende a ser tratada como um assunto privado, limitado a círculos de confiança, sem se abrir ao debate público.

POSICIONAMENTO SOBRE AGENDAS POLÍTICAS

Quando se trata de políticas públicas, a juventude hondurenha mostra posições firmes. Os dados mostram que 53% concordam totalmente e 34% concordam que o Estado deve garantir educação e saúde gratuitas e de qualidade. Por sua vez, 45% concordam totalmente e 39% concordam que o cuidado com o meio ambiente deve ser uma prioridade para os governos.

No entanto, diante dessas afirmações, surge uma contradição importante: as pessoas jovens consideram que os serviços pú-



blicos e as empresas estratégicas, como o petróleo, as telecomunicações ou a eletricidade, são de melhor qualidade quando são geridas pelo setor privado. Essa percepção é compartilhada por jovens que se situam em diferentes posições ideológicas: centro (58%), direita (64%) e, inclusive, esquerda (53%).

Isso sugere que as posições ideológicas não definem claramente as opiniões sobre questões econômicas ou de gestão pública e que existe uma tendência geral a posições ambíguas em relação ao papel do Estado e do mercado.

Embora existam divisões em torno de temas como o aborto, a privatização dos serviços públicos ou os direitos da comunidade LGBTQ+, em geral, prevalece um amplo apoio à ampliação dos direitos. Por outro lado, quando se trata do tema do sindicalismo e dos direitos trabalhistas, 33% reconhecem a necessidade de mais informações; por isso, entre os principais desafios dos sindicatos estão a falta de espaços para jovens (23%) e o desconhecimento sobre como se filiar (23%).

PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÕES E MOBILIZAÇÕES

A metade da juventude não se envolveu em organizações no último ano (46%). Os que o fizeram participaram principalmente em instituições religiosas (28%), clubes esportivos (13%) ou voluntariado (7%). O principal desincentivo para se envolver é não receber nada em troca (38%) ou não encontrar espaços de seu interesse (32%).

Quanto à mobilização social, 85% não participaram de marchas nem protestos no último ano. Entre aqueles que participaram (10%), as motivações foram claras: mudar a realidade do país (48%) e contribuir para resolver problemas (35%).

USO DE REDES SOCIAIS E ATIVISMO DIGITAL

As redes sociais se consolidam como o principal meio de informação (62%), seguidas pela televisão (45%). Quase a metade (44%) se pronunciou em plataformas digitais nos últimos seis meses, principalmente sobre temas relacionados à família, direitos dos jovens e meio ambiente.

Os dados mostram que, apesar de enfrentarem precariedade, exclusão e desconfiança institucional, as juventudes hondurenhas continuam olhando para o futuro com otimismo. Demandam empregos dignos, acesso à educação e saúde de qualidade; importam-se com políticas que priorizem o bem-estar coletivo e o cuidado ambiental.

Sua mensagem é clara: precisam de oportunidades reais para construir o futuro que imaginam.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/12/INFORME-FINAL-HN_JOVENES-EN-HONDURAS-ENTRE-LA-DEMOCRACIA-Y-EL-AUTORITARISMO-04-12.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/12/informe-final-hn_jovenes-en-honduras-entre-la-democracia-y-el-autoritarismo-04-12.pdf)

MÉXICO



JUVENTUDES E POLÍTICA NO MÉXICO: OSCILANDO ENTRE A INFORMAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Mariana Licea, Luis Sosa

Em um México marcado por tensões políticas, econômicas e sociais, o estudo retrata as juventudes como uma geração que valoriza a democracia, mas dúvida daqueles que a representam; que encontram satisfação no âmbito pessoal, mas frustração no coletivo; e que, embora participe pouco nas urnas, encontrou no mundo digital e no cotidiano novas formas de fazer política.

NO MÉXICO PARTICIPARAM DO ESTUDO 2.001 JOVENS.

DIVERSIDADE, DESIGUALDADE E RESILIÊNCIA EM UMA GERAÇÃO QUE BUSCA SEU LUGAR

As juventudes mexicanas representam 32% da população (INEGI, 2020) e refletem a diversidade do país: há aqueles que cresceram na “década perdida” do ajuste econômico e aqueles que nasceram em plena “guerra contra o narco”. Mesmo com trajetórias diferentes, elas compartilham desafios comuns: a precariedade do emprego, a violência e a desigualdade estrutural.



No âmbito social, a família continua sendo o eixo da sua vida cotidiana: 33% moram com os pais e 29% com o/a parceiro/a. As conversas sobre política, quando ocorrem, acontecem mais em casa do que nas redes sociais. No entanto, estas últimas são sua principal fonte de informação: 62% dizem se informar sobre temas políticos e atuais por meio delas. Para muitos, a política aparece de forma incidental, entre memes, entretenimento e consumo digital.

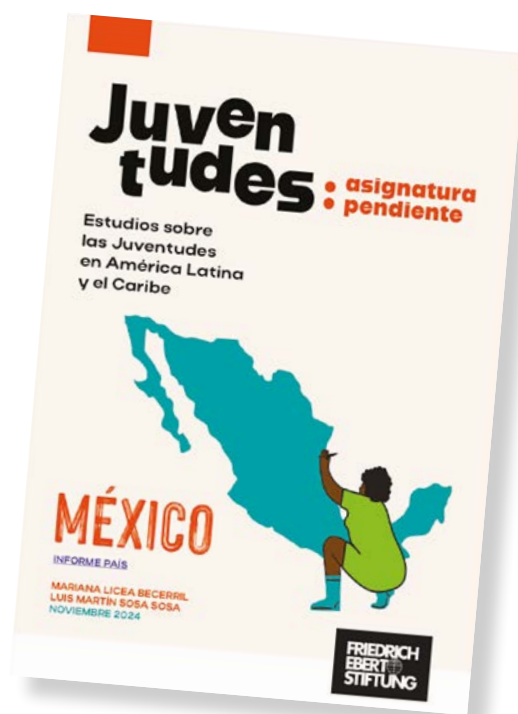
Em nível pessoal, seis em cada dez jovens se declaram satisfeitos com sua vida, especialmente aqueles que têm emprego estável, ensino superior ou renda mais alta. Apenas dois em cada dez se sentem satisfeitos com a situação do país. Entre os jovens de 18 a 35 anos, persistem fortes disparidades educacionais e laborais: apenas 12% da classe baixa tem acesso à universidade, contra 49% da classe alta. No emprego, a desigualdade também pesa: um terço não consegue trabalho e 15% dos que têm carecem de benefícios.

As principais preocupações são a insegurança, o crime organizado e o narcotráfico, seguidos pela pobreza, o desemprego, o consumo de drogas, a corrupção e a violência de gênero.

As mulheres destacam a insegurança e a pobreza como prioridades, enquanto os homens dão maior ênfase à corrupção como um dos principais problemas. Quase metade já pensou em migrar dentro do país, e quatro em cada dez consideram fazê-lo para o exterior: os mais privilegiados buscam “novas experiências”; os menos favorecidos, fugir da crise e do desemprego.

AS JUVENTUDES MEXICANAS OSCILAM ENTRE O DESENCANTO E A BUSCA POR SOLUÇÕES EFETIVAS

As juventudes mexicanas mantêm uma relação ambivalente com a política. Embora 70% afirmem que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo, muitos duvidam de seus mecanismos e resultados. Cerca de um terço não acredita que



o voto sirva para transformar o país, o que reflete uma crise de confiança nas instituições.

O sentimento de representatividade é fundamental: entre aqueles que sentem que seus problemas estão bem refletidos na política nacional (21%), o interesse em participar aumenta quase 30 pontos em relação àqueles que não se sentem representados. Por outro lado, a desconexão alimenta posições autoritárias: 68% acham que um “líder forte” resolveria melhor os problemas do país e 45% estariam dispostos a aceitar um governo militar em tempos de crise. Ainda assim, o voto continua sendo o vínculo mais sólido entre a juventude e a democracia, uma ferramenta para exigir mudanças e definir o rumo nacional.

No plano ideológico, o centro domina (53%), seguido pela direita (32%) e pela esquerda (15%). Embora exista um amplo apoio a causas progressistas, como igualdade de gênero, meio ambiente ou direitos trabalhistas, persistem resistências em torno do aborto ou dos papéis tradicionais de cuidado. No conjunto, a pesquisa traça o perfil de uma geração crítica e pragmática, que exige resultados mais do que discursos.

A POLÍTICA É DISCUTIDA ONLINE, MAS É POUCO VIVIDA NAS RUAS

Os jovens mexicanos se informam principalmente através das telas: 62% obtêm notícias em redes sociais e 21% no WhatsApp, onde proliferam correntes e grupos. Os meios tradicionais perderam peso: 43% assistem televisão; 17% leem jornais digitais; 10% ouvem rádio; e apenas 4% consultam jornais impressos.

Embora o ambiente digital ofereça variedade e imediatismo, metade desconfia de *influenciadores* e *youtubers*, devido à desinformação e à proliferação de notícias falsas. Essa hiperconectividade não se

traduz necessariamente em ação política: menos de um terço demonstra interesse pela política tradicional, apenas 12% participaram de protestos durante o último ano e 55% não pertencem a nenhuma organização. A conversa política ocorre sobretudo em casa (60%) e apenas 8% a levam para as redes sociais.

Mesmo assim, o espaço digital se tornou uma nova arena política, sendo que 40% usam likes para mostrar apoio, 30% buscam informações para reforçar suas posições e 32% compartilham memes. Esses memes, além do humor, funcionam como veículos de expressão política e cultural, embora apenas 11% os produzam.

As juventudes mexicanas não se afastaram da política: elas a questionam, a reimaginam e buscam transformá-la. Elas reivindicam formas de participação mais horizontais, próximas e inclusivas, onde sua voz tenha peso real nas decisões. Embora mantenham a democracia como ideal, elas se sentem distante e pouco receptiva às suas demandas.

O desafio está em aproximar a política de suas realidades, fortalecer a educação cívica e abrir canais onde possam participar sem medo e com senso de propósito. As juventudes mexicanas não são uma geração indiferente: são uma geração que pensa, debate e age, e que pede um lugar legítimo na construção do futuro democrático do país.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/10/JAP_MEXICO.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/10/JAP_MEXICO.PDF)

PANAMÁ



NEM INDIFERENTES NEM CONFORMISTAS: JUVENTUDES PANAMENHAS DIANTE DO DESAFIO DEMOCRÁTICO

Mónica Patricia Romero Zapata

O que pensam e como participam as juventudes panamenhas na política? Essa é a pergunta abordada pelo estudo “Participação política das juventudes panamenhas no contexto atual”.

O relatório explora as percepções, experiências e desafios das pessoas jovens diante da democracia, das instituições, da educação, do emprego e das novas formas de participação, tanto presenciais quanto digitais.

O estudo combina dados e análises com enfoque de classe, gênero e idade, oferecendo pistas para fortalecer a representação juvenil em partidos, sindicatos e espaços de decisão pública.

**NO PANAMÁ PARTICIPARAM DO
ESTUDO 1.109 JOVENS.**

JUVENTUDES DIVERSAS ENTRE A INDEPENDÊNCIA E A PRECARIIDADE

As juventudes panamenhas vivem realidades heterogêneas que moldam suas aspirações e seu modo de se envolver na sociedade. De acordo com o estudo, 45% vivem com pessoas diferentes de seus pais ou parceiro(a), o que revela redes de cuidado e



apoio mais amplas que o núcleo familiar tradicional. Essa independência cresce com a idade: enquanto 70% dos jovens entre 15 e 17 anos ainda vivem com os pais, apenas 14% do grupo de 27 a 35 anos mantém essa convivência.

No entanto, a autonomia não garante estabilidade: apenas 32% dos jovens entre 18 e 35 anos têm emprego e, deles, apenas 54,7% têm acesso a empregos com todos os benefícios previstos na lei. A informalidade, a temporariedade e a falta de oportunidades continuam sendo barreiras estruturais em sua transição para a vida adulta.

Na educação, os dados são mais animadores. 70,5% dizem estar satisfeitos ou muito satisfeitos com a qualidade da educação que receberam, embora persistam disparidades de gênero e de acesso ao ensino superior. As mulheres jovens entre 18 e 35 anos registram níveis mais altos de escolaridade do que os homens, e mais de 70% cursaram seus estudos em instituições públicas, reafirmando a importância do sistema estatal.

Apesar das dificuldades, predomina uma visão otimista: 84% acreditam que sua vida será melhor ou muito melhor nos próximos cinco anos. Ainda assim, os problemas imediatos são claros: pobreza, desemprego e falta de acesso a direitos básicos (66%) lideram suas preocupações, seguidos por corrupção (55%) e consumo de drogas (35,8%). Apenas 32,4% consideram que essas questões estão refletidas na agenda pública da juventude. Entre as políticas mais urgentes, elas exigem emprego digno, bem-estar social e segurança cidadã.

DEMOCRACIA VALORIZADA, INSTITUIÇÕES EM CRISE

Embora a maioria das juventudes panamenhas valorize a democracia, a confiança nas suas instituições está profundamente deteriorada. O estudo revela que 64% a consideram preferível a qualquer

outra forma de governo, mas o desencanto com aqueles que a representam é evidente.

Os partidos políticos são os mais mal avaliados (61% de desconfiança), seguidos pelo Executivo (59,3%), o Legislativo (52%) e o Judiciário (35,7%). Nem os governos locais (50,1%) nem os sindicatos (43,5%) conseguem reverter essa percepção. Em contrapartida, instituições como universidades (37,5%) e organizações religiosas (32%) geram os níveis mais altos de confiança, embora ainda sejam baixos.

Esse desencanto não é apatia: reflete um cansaço diante da corrupção, da falta de resposta e da opacidade institucional; fatores que, segundo os jovens, corroem a legitimidade do sistema democrático.

PARTICIPAR, MAS A PARTIR DE OUTROS CÓDIGOS

Apesar do panorama crítico, as juventudes panamenhas não estão desconectadas da política, mas se vinculam a partir de outras lógicas. Apenas 15,6% se declaram muito ou bastante interessadas na política, enquanto 24% afirmam não ter nenhum



interesse. No entanto, essa distância não implica indiferença. A conversa política ocorre de maneira cotidiana, principalmente no âmbito familiar (56%), entre amigos (45%) e com o(a) parceiro(a) (15%).

No plano institucional, os números acendem alertas democráticos, mostrando que 69,6% consideram viável a figura de um “líder forte” e 54,3% estariam de acordo com uma democracia sem partidos.

Além disso, 34,2% justificam um governo autoritário sob certas condições e 35% mostram-se indiferentes ao tipo de regime político. Apenas 13% estão muito satisfeitos com o funcionamento da democracia atual. Portanto, acredita-se na democracia, mas não na forma como ela está sendo exercida.

IDEOLOGIA, CAUSAS E MOBILIZAÇÃO

A maioria dos jovens se identifica com o centro político (56,5%), embora se observem nuances geracionais e de gênero: os de 15 a 17 anos tendem mais para a direita (30,3%), enquanto o grupo de 18 a 26 anos mostra maior afinidade com a esquerda (20,4%). Entre as mulheres, predomina a esquerda (21,5%), e entre os homens, a direita (32,3%).

Quanto a causas e valores, destacam-se as posições progressistas: meio ambiente (81,1%), gratuidade na saúde e educação (81%), regulamentação tecnológica (74,9%) e educação sexual integral (70,9%). No entanto, persistem posições conservadoras: 50,5% discordam do casamento igualitário e 53,4% da legalização do aborto. Em matéria de violência de gênero, 77,5% a rejeitam, mas 15,4%

ainda a justificam em certos casos, refletindo a persistência de estereótipos e a necessidade de educação com foco em direitos.

A participação não segue caminhos tradicionais, mas existe e se reinventa. Embora 50,2% não tenham participado de nenhuma organização no último ano, muitos se vinculam a espaços religiosos (18,3%), esportivos (14%) ou de hobbies (9,2%). Entre as principais motivações estão adquirir experiência (47,7%) e ajudar os outros (30,6%). Apenas 5% militaram em partidos, mas o interesse cresce.

O ativismo também assume formas novas: 32,6% protestaram no último ano; 23,8% se manifestaram nas redes sociais; e 23,4% modificaram seu consumo por razões éticas ou políticas. Nos sindicatos, apenas 1,8% são filiados, embora 34,4% peçam mais educação sobre sindicalismo e direitos trabalhistas. A falta de espaços acessíveis para jovens (25%) e o desconhecimento sobre como se envolver (19%) continuam sendo as principais barreiras. Além disso, 28% das juventudes não participam atualmente de organizações, causas ou espaços de militância, mas manifestam interesse em fazê-lo, o que reforça a ideia de que o principal desafio não é a apatia, mas a persistência de barreiras de acesso e a falta de espaços abertos para a participação.

Additionally, 28% of young people are not currently involved in organizations, causes, or activist spaces, yet report a desire to participate. This suggests that the main obstacle is not apathy, but the persistence of barriers to access and a lack of open spaces for participation.

As conclusões mostram que as juventudes panamenhas não são apáticas, mas críticas e exigentes. Sua desconfiança institucional não implica rejeição à democracia, mas uma demanda por renovação: elas buscam uma política mais participativa, transparente e próxima.

Emerge uma geração que se informa, se expressa e se organiza a partir de novas linguagens, com forte protagonismo digital e vocação de mudança. Fortalecer a democracia no Panamá passa por repensar os canais de participação juvenil, atualizar os espaços de representação e reconstruir a confiança institucional a partir do diálogo, da escuta e da corresponsabilidade.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENTUPLOADS/2025/07/22233.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/07/22233.pdf)

PERU



JOVENS NO PERU: DISTANTES DA POLÍTICA TRADICIONAL, MAS COM NECESSIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

Alejandra Sabina, Yolanda Dinegro Martinez

As juventudes peruanas não são apáticas: são profundamente críticas do sistema político atual e buscam novos sentidos para sua ação coletiva. O estudo “Juventudes no Peru: crise, expectativas e realidades” oferece uma radiografia de suas percepções, demandas e formas de participação, mostrando como uma geração desencantada com as instituições continua apostando na transformação.

NO PERU, PARTICIPARAM DO
ESTUDO 2.001 JOVENS.

CRISE POLÍTICA E RUPTURA ENTRE JUVENTUDES E INSTITUCIONALIDADE

O Peru atravessa uma das etapas mais instáveis de sua história recente: seis presidentes em sete anos, escândalos de corrupção, recessão econômica (-0,6%) e protestos massivos reprimidos com violência. Neste contexto, as juventudes se sentem distantes das instituições, embora não indiferentes aos assuntos públicos.

Os dados mostram que 73% consideram que a democracia é o melhor sistema de governo, mas apenas 11% estão satisfeitos com o seu funcionamento. Além disso, 47% apoiam a criação de uma nova



Constituição, refletindo um desejo de mudança estrutural que carece de canais institucionais claros para se expressar.

REJEIÇÃO À POLÍTICA PARTIDÁRIA, BUSCA POR NOVOS ESPAÇOS

O desencanto com a política se traduz em uma rejeição aos canais tradicionais de participação. São 91% os que expressam confiança média, baixa ou muito baixa nos partidos políticos e 50% não participam em nenhum tipo de organização. No entanto, a outra metade se envolve, principalmente em coletivos ambientais (24%), iniciativas pelos direitos juvenis (16%) e movimentos pela vida e pela família (14%).

Embora a confiança nas instituições seja mínima, o voto continua tendo um valor simbólico. Cerca de 53% consideram que votar ainda pode gerar mudanças, sinal de que, apesar do desencanto, os jovens não abandonaram a esperança de influenciar o rumo político do país.

DEMOCRACIA VALORIZADA, MAS COM BAIXA SATISFAÇÃO

O apoio ao ideal democrático não se traduz em conformismo. Apesar de quase três quartos das juventudes peruanas (73%) considerarem preferível a democracia a qualquer outro regime, apenas 11% se sentem muito satisfeitos com seu funcionamento atual.

O interesse pela política também é limitado: apenas 26% declaram ter interesse e 36%, "algum interesse". A conversa política ocorre de forma esporádica, principalmente no ambiente familiar (57%) ou com amigos (46%). Esses dados refletem uma juventude que não é alheia à política, mas que se envolve de forma intermitente e desconfiada.

Assim, as juventudes valorizam o sistema democrático, mas isso é acompanhado por fortes críticas

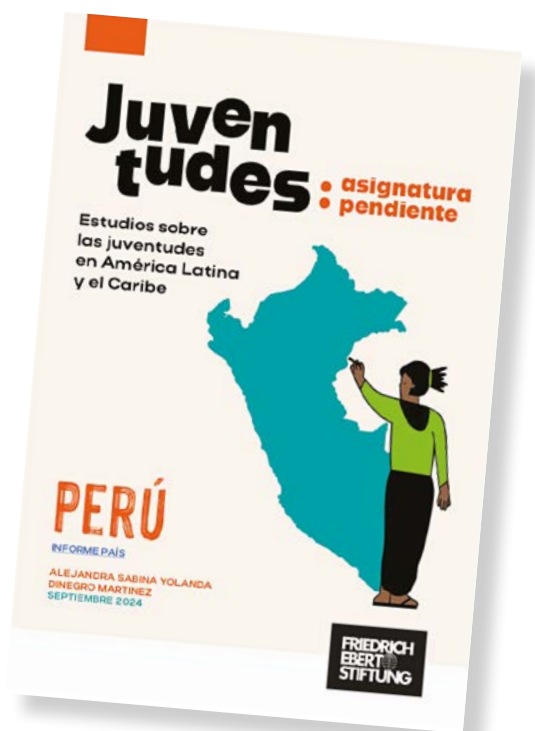
à sua eficácia, transparência e representatividade. Elas acreditam na democracia, embora sintam que ela não lhes pertence.

DESIGUALDADE, EMPREGO E DIREITOS: AS URGÊNCIAS JUVENIS

As principais preocupações das juventudes peruanas giram em torno da pobreza, o desemprego e a falta de acesso a direitos básicos (61%). Em seguida, vêm a insegurança (46%) e a corrupção (46%).

Essas prioridades se refletem nas políticas públicas que consideram mais urgentes:

- 48% exigem políticas centradas no emprego jovem, na produção e na economia.
- 43% priorizam a saúde, a educação e a proteção social.
- 37% apontam a segurança cidadã como eixo central.



Assim, apenas 12% sentem que os problemas juvenis estão plenamente representados na agenda pública, e 28% acham que quase não estão representados ou não estão de forma alguma. O abismo entre as demandas e seu reconhecimento institucional aumenta o sentimento de exclusão política.

ALTA CONECTIVIDADE, BAIXO ATIVISMO DIGITAL

Os jovens peruanos estão altamente conectados, mas sua participação política digital continua sendo limitada. As redes sociais são sua principal fonte de informação política (63%), seguidas pela televisão (45%) e pelo WhatsApp (26%).

No entanto, a conexão não se traduz em ativismo. Os dados mostram que 25% usaram as redes para se expressar sobre temas ambientais e apenas 21% utilizam as redes sociais para se manifestar sobre alguma problemática. A maioria mantém uma atitude mais passiva, expressa em curtidas ou reações.

Apesar disso, 87% concordam com a regulamentação tecnológica e reconhecem o potencial das plataformas digitais para o desenvolvimento, embora ainda não consigam converter a conectividade em ação cívica. O desafio é canalizar a energia digital para uma participação mais crítica, criativa e transformadora.

O desafio está em reencantar essa geração com a democracia, garantir seus direitos e criar canais reais de participação e escuta. Se essas portas não forem abertas, o risco é que o desencanto derive em resignação ou em maior abertura a lideranças autoritárias.

O estudo revela, no final das contas, uma geração com consciência crítica, que exige ser reconhecida não apenas como observadora do presente, mas como ator fundamental da transformação democrática no Peru.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/04/21916.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/04/21916.pdf)

REPÚBLICA DOMINICANA



NEM INDIFERENTES NEM INGÊNUAS: AS JUVENTUDES DOMINICANAS DIANTE DO DESAFIO DEMOCRÁTICO

Aris Marcenellys Balbuena García

Em um país onde o discurso político geralmente se afasta da vida cotidiana juvenil, o relatório “Juventudes dominicanas e democracia. O desafio de valorizar o coletivo, o conflito e o direito ao bem-estar material” revela uma geração que valoriza a democracia, mas desconfia daqueles que a representam. Diante da precariedade, corrupção e barreiras de acesso aos direitos, elas não se resignam: buscam outras formas de participação.

NA REPÚBLICA DOMINICANA,
1.132 JOVENS PARTICIPARAM
DO ESTUDO.

DESINTERESSE COM RAÍZES PROFUNDAS, ENTRE CRESCIMENTO ECONÔMICO E DESIGUALDADE

A desconexão juvenil com a democracia se explica por promessas não cumpridas, clientelismo e a percepção de que o público beneficia poucos. Nesse vazio, avançam discursos anti-direitos e autoritários que oferecem “ordem” em troca de liberdades,



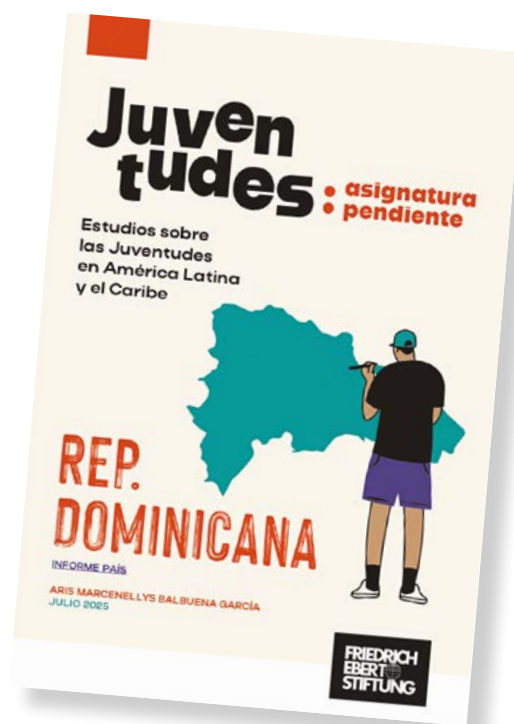
enquanto os partidos tradicionais perdem força ideológica e capacidade de mobilização.

As juventudes têm sido protagonistas de lutas-chave (promoção do modelo de 4% para educação e defesa ambiental em 2011-2012), mas persiste a desconfiança em relação à política institucional. O paradoxo: uma economia dinâmica convive com salários baixos, informalidade, gravidez na adolescência e desigualdades de gênero. Segundo a CEPAL (2023), 26,9% dos jovens (15-24) não têm renda própria e 17,6% não estudam nem trabalham. Somam-se a isso o abstencionismo crescente (45,6% em 2024) e a queda no apoio à democracia (de 64,7% em 2004 para 48,1% em 2023, segundo o Latinobarómetro [2023]). Ainda assim, a decisão do Tribunal Constitucional que permite candidaturas independentes abre uma janela para novas vozes e agendas.

OTIMISMO VITAL COM ALERTAS SOBRE ECONOMIA E DIREITOS

Longe da desesperança, a maioria se declara satisfeita com sua saúde, educação e vínculos e encara o futuro com otimismo. No entanto, 65,7% identificam como principais problemas a situação econômica, o desemprego e o acesso limitado à saúde e à educação. Completam o quadro a corrupção (40,3%), o consumo de drogas (38,4%) e a insegurança (33,8%), em um contexto em que a informalidade e os baixos salários afetam mais as mulheres e as classes precárias. Mesmo assim, 90,3% acreditam que estarão melhor em cinco anos.

Esse otimismo convive com o desejo de emigrar: 62% querem partir devido à crise econômica, à falta de emprego e à busca por oportunidades. Suas prioridades em termos de políticas públicas são claras: emprego, produção e bem-estar social. As mulheres enfatizam a geração de renda e o acesso a serviços; os homens acrescentam tecnologia, esporte e lazer. As classes baixa e média baixa pedem moradia, nutrição e igualdade de gênero. Elas não buscam apenas “melhorar sua vida”: têm clareza



sobre as transformações estruturais necessárias para viver com dignidade.

PREFERÊNCIA DEMOCRÁTICA COM INCLINAÇÃO PREOCUPANTE PARA O AUTORITARISMO

Embora 66% prefiram a democracia, apenas 22,6% expressam alta satisfação com seu desempenho. Cresce a ideia de que um “líder forte” (68,6%) poderia resolver melhor do que partidos e instituições, e 44% veriam com bons olhos um governo autoritário “em certas circunstâncias”. A tensão é nítida: ideal democrático sim, mas realidade institucional que não protege nem responde.

A desconfiança institucional é ampla. A polícia (49% de desconfiança), os partidos (43%) e os influenciadores (42,1%) estão entre os mais mal avaliados. Geram mais confiança –embora moderada– as universidades (47,6%) e as igrejas (43,7%), seguidas pela mídia e pelas Forças Armadas. O Poder Executivo, o Congresso e o Judiciário despertam desconfiança em mais de um terço, assim como os

sindicatos e os governos locais. No entanto, 73,7% reconhecem o papel dos sindicatos na defesa dos direitos trabalhistas e a confiança nas organizações sociais e movimentos supera a de várias instâncias políticas; isso indica que no coletivo ainda existe a esperança de outra forma de fazer política.

ATIVISMO MODERADO E BUSCA POR ESPAÇOS SEGUROS

Mais de 70% manifestam algum interesse pela política, mas apenas 18,2% dizem estar “muito/bastante” interessados. A conversa ocorre principalmente em ambientes íntimos – amigos, família ou trabalho – e pouco nas redes sociais. Entre aqueles que nunca falam de política (20,7%); pesam razões como falta de interesse, o caráter conflitivo do tema, ou não entender ou não ter informação – uma brecha que afeta mais as mulheres, associada à baixa representatividade e ao viés de gênero.

A participação em organizações: 41,3% não se vincularam a nenhum espaço no último ano; aqueles que o fizeram priorizam grupos religiosos ou esportivos. Apenas 3,5% aderiram a movimentos sociais ou coletivos pelos direitos. Os obstáculos frequentes são a falta de tempo, a sensação de que “não se ganha nada” e de que “ninguém representa seus interesses”. Mesmo assim, a afinidade partidária é surpreendente: 31,3% já se filiou e 28% mostram disposição a militar; portanto, há interesse, mas faltam espaços inclusivos.

As formas de participação mais comuns são as menos disruptivas: voluntariado, assinaturas de

petições e compartilhar conteúdo. Protestos ou ocupações não são majoritários, embora 14,8% tenham saído para protestar, movidos pelo desejo de transformar o país. O voto é valorizado como mecanismo de mudança por 59,7% dos jovens, mas o abstencionismo é alto: em 2020 votaram 56,6%; em 2024, embora 69,6% tenham declarado intenção de votar, três em cada dez não planejavam fazê-lo.

Nas redes sociais, o uso político é limitado e passivo: 66% as consultam para se informar, mas poucos expressam posições críticas. Os temas que mais mobilizam no âmbito digital são meio ambiente, direitos juvenis e família. Em resumo: eles estão presentes, mas exigem formatos de participação alinhados com seus valores, tempos e necessidade de serem ouvidos.

CENTRO DOMINANTE COM NUANCES: ESTADO SOCIAL FORTE, MERCADO COMO TENSÃO

Predomina o centro (51,8%); com ligeira inclinação à direita entre homens e classes altas. Ainda assim, há amplo apoio ao papel do Estado em garantir saúde, educação e meio ambiente (86,8%); à gratuidade dos serviços públicos (88,2%); e à regulamentação tecnológica (81,2%), juntamente com uma política fiscal redistributiva. Essa confiança no público coexiste com a ideia de que o setor privado poderia gerir melhor certos serviços, mostrando a tensão entre direitos e mercado. Em direitos, observam-se avanços e áreas cinzentas: uma cultura política que ainda não se transformou totalmente pela equidade de gênero e pelas abordagens de direitos.

As juventudes dominicanas não são apáticas: são críticas, exigentes e conscientes. Entre valores democráticos e práticas excludentes convivem tensões reais, mas também uma oportunidade: esse grupo sabe o que o incomoda, o que precisa transformar e o que está disposto a defender. A tarefa é abrir caminho para eles com espaços de participação seguros, horizontais e inclusivos, e com instituições que os escutem e prestem contas. Só assim o ideal democrático recuperará sentido e pertencimento para as novas gerações.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/09/22282.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/09/22282.pdf)

URUGUAI



ENTRE O IDEAL DEMOCRÁTICO E A EXCLUSÃO POLÍTICA: O QUE PENSAM AS JUVENTUDES NO URUGUAI

Ana Paula García Erramuspe

O estudo “Que percebam que estamos perto” analisa a relação das juventudes uruguaias com a política, o Estado e a vida democrática. O relatório explora as percepções, preocupações e posicionamentos em torno de temas como emprego, direitos, participação, segurança e papel das instituições. O panorama combina bem-estar subjetivo com desencanto econômico e laboral, apego à democracia com baixa participação política e um viés majoritariamente progressista com matizes conservadores em certos temas.

**NO URUGUAI, PARTICIPARAM DO
ESTUDO 1.108 JOVENS.**

ENTRE A SATISFAÇÃO PESSOAL E AS DESIGUALDADES ESTRUTURAIS

As pessoas jovens uruguaias declaram-se, em geral, satisfeitas com a sua vida e otimistas em relação ao futuro, mas a economia e o trabalho são responsáveis por as suas maiores apreensões. Em nível regional, o Uruguai lidera a proporção de pessoas com acesso ao trabalho, com 58%; desse



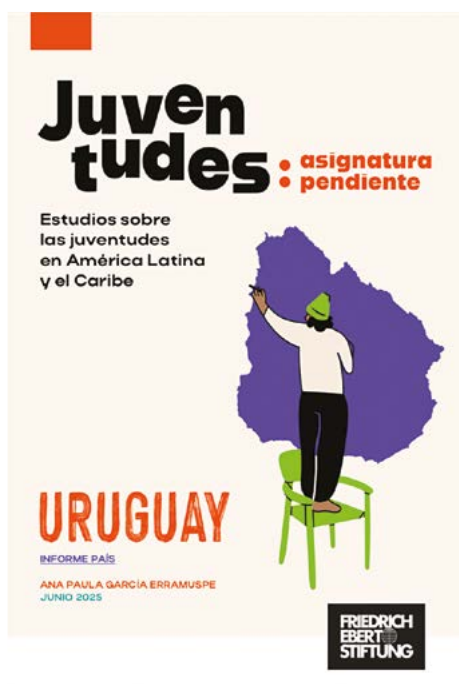
total, 59% possuem emprego em tempo integral com todos os benefícios legais. Ainda assim, a desocupação juvenil continua sendo consideravelmente alta (OIT, 2023; INE, 2024), e o mercado de trabalho apresenta barreiras, especialmente para aqueles não provenientes das classes altas.

Em saúde, 80% têm algum tipo de cobertura, colocando o país entre os que têm maior acesso na região. No entanto, 35% consideram emigrar: 68% para viver novas experiências, 38% por falta de emprego e 27% pela crise econômica.

Entre as principais preocupações e prioridades dos jovens estão o consumo de drogas (62%), a insegurança (43%) e o crime organizado (23%), além do desemprego, da pobreza e da falta de acesso aos direitos, que preocupam 46%. Conseqüentemente, as políticas mais urgentes são emprego (53%), bem-estar social (36%), moradia (30%) e segurança cidadã (32%). Temas como igualdade de gênero, mudança climática ou participação juvenil aparecem com menor prioridade, o que reflete um foco imediato na economia e na segurança.

BAIXO INTERESSE POLÍTICO E DEBATES LIMITADOS AO ÂMBITO PRIVADO

O Uruguai é o quinto país da região com níveis mais baixos de interesse político: quase metade das pessoas entrevistadas afirma ter pouco ou nenhum interesse pela política. Embora os motivos para o desinteresse sejam diversos, é possível afirmar que as mulheres entrevistadas demonstram menos interesse do que os homens; o mesmo ocorre com as pessoas entrevistadas



das classes mais baixas em relação às de outras classes sociais.

Quase metade afirma ter pouco (25%) ou nenhum interesse (24%) no assunto e apenas uma quinta parte expressa bastante (12%) ou muito interesse (8%). Esse desinteresse também se reflete na frequência das conversas políticas, que em sua maioria se limitam ao ambiente familiar ou de amizades.

Apenas 13% discutem política com frequência ou muita frequência, e são minoria aqueles que o fazem em es-

paços públicos ou coletivos. As razões por trás desse desinteresse são várias para aqueles que não têm nenhum interesse (24%): desde o tédio ou a falta de informação até a rejeição ao conflito que o tema costuma gerar.

CONFIANÇA INSTITUCIONAL DIVIDIDA E ESCASSA REPRESENTAÇÃO JUVENIL

As universidades são as instituições que geram mais confiança, enquanto as igrejas e os influenciadores concentram os maiores níveis de desconfiança. Embora a maioria valorize o papel dos sindicatos, também há muito desconhecimento sobre sua função, refletido nos 30% que não sabem ou não respondem sobre sua importância. Quanto ao debate político, 36% avaliam positivamente o nível do Parlamento; 35% não têm opinião formada.

Embora mais da metade considere relevante a participação dos jovens na agenda política, não identifica organizações que os representem ou defendam seus interesses. Isso pode estar relacionado a um dilema: os espaços existentes não conseguem ca-

nalizar adequadamente as demandas e preocupações das pessoas jovens.

CENTRO IDEOLÓGICO DOMINANTE, MAS COM TENDÊNCIAS PROGRESSISTAS MARCANTES

A maioria dos jovens uruguaios se identifica com o centro político (51%), embora o país seja líder na região em adesão à esquerda ou extrema esquerda (25%). As mulheres (29%) e as classes média (26%) e baixa (25%) tendem mais para a esquerda, enquanto os homens (29%) e os jovens das classes altas se inclinam para a direita (38%).

Para além do eixo ideológico, existe um claro apoio aos direitos fundamentais: 86% apoiam o acesso gratuito à saúde e à educação, e 81% apoiam o casamento igualitário e a liberdade de identidade e orientação sexual.

As juventudes uruguaias têm uma visão majoritariamente progressista, com amplo apoio ao papel do Estado no bem-estar social, na igualdade de gênero e na proteção do ambiente. No entanto, em questões como redistribuição de renda, políticas para pessoas migrantes e legalização do aborto, as posições se tornam mais divididas. Nos dados, 64% apoiam leis de paridade e 72% apoiam a educação sexual integral, enquanto um terço se opõe à legalização do aborto.

BAIXA PARTICIPAÇÃO ORGANIZACIONAL E PREDOMINÂNCIA DO DESINTERESSE

A maioria não participou de nenhuma organização política ou social no último ano. Entre aqueles que

participaram de algum tipo de organização, apenas uma em cada cinco pessoas admite que foi por convicções políticas, éticas, sociais ou religiosas; menos de 10% fazem parte de organizações estudantis, comunitárias, cooperativas, movimentos sociais, sindicatos ou partidos políticos.

As razões mencionadas por aqueles que não participam estão vinculadas a duas dimensões. Por um lado, interesses individuais: não têm tempo, preferem dedicar o tempo “a si mesmos” ou participar não lhes traz benefício algum. Por outro lado, também alegam que não encontram organizações que representem seus interesses.

Na política partidária, a participação é igualmente baixa: apenas 9% se filiaram e 6% já foram candidatos; enquanto isso, quase metade não se identifica com nenhum partido. O apoio eleitoral –presencial ou digital– é a forma mais comum de envolvimento e, mesmo assim, 60% declaram que não o fizeram nem o fariam.

As ações menos formais –como assinar petições, usar redes sociais ou participar de marchas– também não mobilizam maciçamente: nenhuma ultrapassa 25% e, aproximadamente, 40% não se envolvem nem o fariam de forma alguma. Aqueles que o fazem (17%) costumam se mobilizar por indignação ou vontade de mudança. Aqueles que não o fazem citam desinteresse, falta de tempo e ceticismo. Isso configura uma cultura cívica juvenil mais crítica do que apática, marcada pelo desencanto e pelo distanciamento dos canais tradicionais.

Longe de estar despolitizadas, as juventudes uruguaias enfrentam barreiras estruturais que condicionam sua participação: desemprego, falta de representação, desconfiança nas instituições e exclusão geracional.

Suas prioridades são claras –emprego, bem-estar, moradia e segurança– e seus valores mostram consenso social em torno dos direitos e Estado de bem-estar. O desafio é abrir canais reais e seguros de participação, renovar a intermediação política com enfoque geracional e paritário e cuidar das convicções democráticas diante da tentação de atalhos autoritários. Só assim o ideal democrático deixará de parecer distante e os jovens poderão ser protagonistas do rumo do país.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/09/22307.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/09/22307.pdf)

VENEZUELA



JUVENTUDE VENEZUELANA: ENTRE A PRECARIEDADE E A ESPERANÇA DEMOCRÁTICA

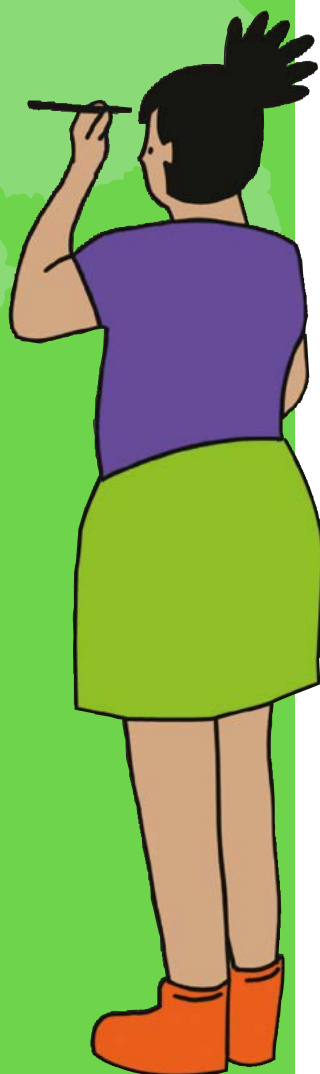
**Lisette González,
Anaís López**

O relatório “O que pensam e como participam as pessoas jovens na Venezuela? Atitudes perante a política e a ação coletiva” reúne expectativas, motivações e preocupações da juventude diante da política, da democracia e da ação coletiva, em um contexto marcado pela eleição presidencial de 28 de julho de 2024.

Os dados retratam uma geração com expectativas de mudança democrática, rejeição a saídas autoritárias e forte demanda por oportunidades educativas e laborais. Ao mesmo tempo, observa-se um distanciamento dos partidos e sindicatos e uma baixa inclinação para a ação coletiva, exceto em espaços esportivos e religiosos.

O objetivo do relatório é contribuir para o debate público a partir de uma perspectiva progressista, democrática e de justiça social, visibilizando demandas e horizontes futuros de uma geração que chegou à idade adulta em meio a grandes dificuldades.

**NA VENEZUELA, PARTICIPARAM
DO ESTUDO 1.103 JOVENS.**



CONDIÇÕES DE VIDA: NÍVEL DE ESCOLARIDADE, PRECARIIDADE LABORAL E EXPECTATIVAS

A maioria dos jovens de 18 a 35 anos concluiu o ensino médio (56% dos homens e 47% das mulheres) e uma proporção significativa teve acesso ao ensino superior (33% dos homens e 41% das mulheres).

O panorama laboral é crítico: a categoria mais frequente é a de procura de emprego (55% das mulheres e 40% dos homens). Apenas 27% dos homens e 16% das mulheres declaram ter um emprego estável; o restante depende de trabalhos temporários ou que não lhes oferecem direitos trabalhistas.

Convive com isso uma avaliação ambivalente: 66% dos jovens estão pouco ou nada satisfeitos com sua situação econômica e 77% com a do país, mas 50% se declaram satisfeitos ou muito satisfeitos com sua vida pessoal. Ainda assim, 89% acreditam que seu futuro será melhor ou muito melhor em cinco anos; esse otimismo está relacionado à intenção de migrar (45%), vista como uma saída diante da falta de emprego e da crise.

JOVENS ENTRE O DESENCANTO POLÍTICO E A DEFESA DA DEMOCRACIA

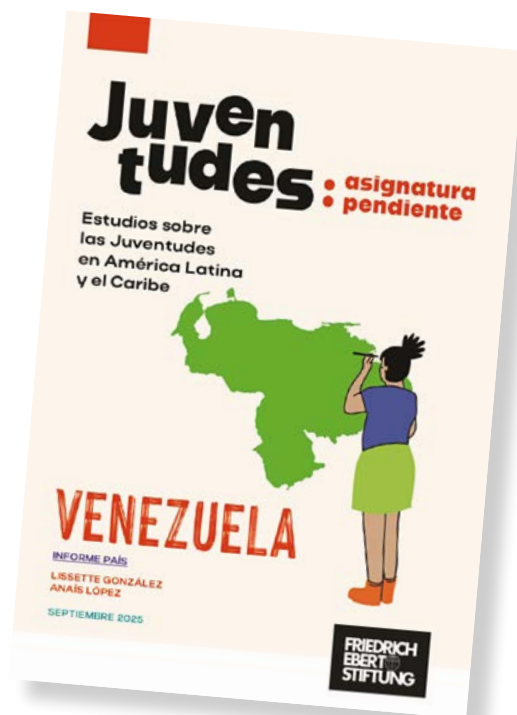
Longe da imagem do movimento estudantil protagonista, hoje predomina pouco ou nenhum interesse pela política: cinco em cada dez jovens reconhecem isso, um número maior do que na Pesquisa da Juventude da UCAB (2021). Há uma brecha de gênero: 22% dos homens declaram bastante ou muito interesse, contra 11% das mulheres.

Nesse desencanto, o apoio à democracia é majoritário: 62% a consideram a melhor forma de governo; 51% negam que “dá na mesma” viver em democracia ou não; e 62% se opõem a governos militares em crise. Persiste, no entanto, uma tensão: 65% concordam que um líder forte tem mais

capacidade para resolver os problemas do país, sinal de um desejo de eficácia que beira o personalismo. O apoio democrático varia de acordo com a ideologia: 79% entre aqueles que se situam à direita e 47% à esquerda.

Nas políticas públicas, predominam as posições progressistas: 82% apoiam saúde e educação gratuitas, e amplas majorias apoiam medidas ambientais, autonomia indígena e direitos para migrantes. Além disso, 63% dos jovens são a favor de leis de paridade; 74%, de educação sexual integral e 44%, do casamento igualitário. Não obstante, persistem nós conservadores: 59% rejeitam a legalização do aborto e 54% consideram que as mulheres são mais aptas para o cuidado.

A confiança institucional é mínima: 64% expressam muita desconfiança em relação ao Executivo; 61% em relação à Polícia; e 60% em relação aos governos locais e partidos políticos. A Venezuela é o país com maior desconfiança dos jovens em relação ao Estado e suas instituições na América Latina.



PARTICIPAÇÃO JUVENIL: ENTRE O VOTO, O ATIVISMO DIGITAL E A APATIA ORGANIZATIVA

O voto é a forma de participação mais difundida. Nesse sentido, 63% afirmam estar inscritos no Registro Eleitoral, embora apenas 46% dos maiores de 18 anos tenham votado nas eleições regionais de 2021. Para as eleições presidenciais de 28 de julho de 2024, a disposição aumenta: 68% disseram que participariam (maior entre aqueles que se situam à direita; menor no centro). A militância partidária é escassa: 14% se filiaram e 15% tentaram convencer outros a votar.

Em formas alternativas, prevalecem ações de baixo compromisso e risco: 20% usam redes sociais para expressar posições; 19% já protestaram; e 19% já assinaram ou coletaram assinaturas. As ações

de maior exposição são marginais (6% greve de fome; 5% ocupações). O ativismo digital é central: 63% se informam pelas redes sociais e 40% pelo WhatsApp; a televisão fica com 38%. A participação online é principalmente passiva: 35% compartilham memes e 38% dão likes; criar conteúdo próprio é pouco frequente.

Fora da política, a organização é ainda menor: 55% não participaram de nenhuma organização no último ano. Aqueles que participaram estão ligados principalmente a grupos religiosos (18%) e clubes esportivos (13%); apenas 6% em voluntariado e 6% em atividades recreativas. O envolvimento em sindicatos, centros estudantis ou coletivos de bairro é muito baixo. O relatório destaca a presença dos jovens em torno de temas de direitos humanos, coletivos feministas e LGBTQI+, espaços que impulsionaram novas lideranças.

A juventude venezuelana vive entre a precariedade econômica, a alta desconfiança institucional e a intenção de emigrar. Embora quase sete em cada dez declarem disposição para votar, o envolvimento em partidos, sindicatos ou organizações sociais é mínimo, e o ativismo digital concentra-se em ações de baixo custo. Além disso, persiste uma base conservadora em questões de direitos sexuais e reprodutivos, o que ressalta a urgência da educação sexual integral e da igualdade de gênero.

O desafio é impulsionar agendas progressistas que fortaleçam a democracia, promovam lideranças juvenis e conectem causas já próximas à justiça social e aos direitos humanos, mostrando que outra forma de fazer política é possível na Venezuela.

Para baixar o
RELATÓRIO COMPLETO
em espanhol,
escaneie o código QR.



[HTTPS://JUVENTUDESASIGNATURAPENDIENTE.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2025/09/22321-20250925.PDF](https://juventudesasignaturapendiente.com/wp-content/uploads/2025/09/22321-20250925.pdf)

BIBLIOGRAFIA

- Aguilera, A. y Álvarez, F. (2025). "Jóvenes, política y democracia en Chile: Una conversación por cambiar". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: Asignatura Pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Balbuena, A. (2025). "Juventudes dominicanas y democracia. El desafío de poner en valor lo colectivo, el conflicto y el derecho al bienestar material". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Bilbao, A. G. (Coord.), Vázquez, M., Ramírez, F., Guaraná de Castro, E., Aguilera, Ó., Licea, M., y Rodríguez, C. (2025). *Juventudes: asignatura pendiente. Informe regional 2024. Participación y representación en disputa: juventudes y democracia en América Latina y el Caribe*. Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Guaraná de Castro, E.; Macedo, S., Perez, O. C.; Habermann, W. (2025). "Juventudes: Um Desafio Pendente - Uma análise sobre democracia, participação e posicionamento político das juventudes no Brasil". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Sao Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Cortez, J. (2024). "Explorando contrastes: La democracia en ojos de la juventud boliviana". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. La Paz: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Dinegro, A. (2024). "Juventudes en Perú: crisis, expectativas y realidades". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Lima: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- García Erramuspe, A. P. (2025). "Que se den cuenta que estamos cerca": jóvenes y política en Uruguay". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Montevideo: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Gonzalez, L. y López, A. (2024). "¿Qué piensan y cómo participan los jóvenes en Venezuela? Actitudes frente a la política y la acción colectiva". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: Asignatura Pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Caracas: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Hernández de La Torre, J. y Cabanzo, M. (2024). "Informe País: Porque mañana será bonito. Juventud en Colombia, entre el desencanto del presente y la esperanza de un futuro mejor". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Bogotá: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Licea, M. y Sosa, L. (2024). "Reporte Nacional México". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Ciudad de México: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Ramírez, F. (2025). "Participación política de las juventudes en Ecuador: entre el miedo, la precariedad y las desigualdades". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: Asignatura Pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Quito: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Romero, M. (2024). "Participación política de las juventudes panameñas en el contexto actual". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: Asignatura Pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Ciudad de Panamá: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).

- Sánchez, I. y García, C. (2024). "Jóvenes en Costa Rica entre la democracia y el autoritarismo". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. San José: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Vázquez, M. y Beretta, D. (2025). "Juventudes en Argentina: entre el enojo y la esperanza". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Buenos Aires: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Villalta, E. (2024). "Situación de la participación y opinión política de las juventudes en Honduras". En Bilbao, A. (Coord.), *Juventudes: asignatura pendiente. Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. Santiago de Chile: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).

Responsáveis:

Coordenação regional

Tina Hennecken-Andrade

Representante da FES Equador (atual)

Constantin Groll

Representante FES Equador (até junho 2025)

Anabel Bilbao García

Coordenação do projeto

Camila Rodríguez

Técnica do projeto

Coordenações nacionais do projeto:

Sergio Balardini y Mariela Ventos (FES Argentina)

José Luis Exeni (FES Bolívia)

Willian Habermann (FES Brasil)

Christian Sánchez (FES Chile)

Saruy Tolosa (FES Colômbia)

Argerie Sánchez (FES Costa Rica)

Anabel Bilbao G. (FES Equador)

Mónica Torres (FES Honduras)

Elisa Sánchez (FES México)

Argerie Sánchez (FES Panamá)

Raúl Tecco y María del Pilar Sáenz (FES Peru)

María Fernanda López (FES República Dominicana)

Aníbal Peluffo (FES Uruguai)

Anais López (FES Venezuela)

Compilação e diagramação

Nataly Tufiño Villacís: Media Consultora em meios de comunicação. Especialista em comunicação política, direitos humanos e natureza.

Citação sugerida:

Friedrich-Ebert-Stiftung (2025). Youth: a pending subject. Summary of findings from the regional and national studies. Friedrich Ebert Foundation: Quito

Impressão

Av. República E7-123 and pasaje Martín Carrión.
Edificio Pucará, 4th floor
Quito, Equador

Para solicitar publicações

info.ecuador@fes.de

As opiniões expressas nesta publicação não representam necessariamente as posições oficiais da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial dos materiais editados e publicados pela Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) é proibido sem a autorização prévia por escrito da FES.

Os resultados da pesquisa são representativos em nível nacional. Juntamente com os dados dos outros países da região, eles oferecem uma visão comparativa sobre as juventudes.

ISBN: 978-9978-94-283-3

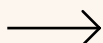




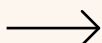
Juven- tudes

• desafio
• pendente

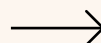
JUVENTUDES: UM DESAFIO PENDENTE



Uma das prioridades da Fundação Friedrich Ebert (FES) é o trabalho com juventudes políticas nos âmbitos nacional, regional e global. O estudo Juventudes: Um Desafio Pendente é uma iniciativa regional da FES na América Latina e no Caribe. O objetivo do projeto é levantar, analisar e colocar em debate informações e dados fundamentados sobre a participação política e as atitudes das juventudes da região.



Entre janeiro e fevereiro de 2024, foi realizada uma pesquisa com cerca de 22.000 jovens de quatorze países da região, por meio da metodologia de painel web. Os países participantes foram Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Honduras, México, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

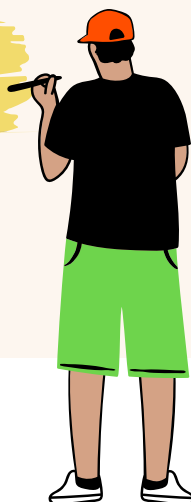


O estudo analisa as formas, os tipos e as motivações da participação política das juventudes, seus posicionamentos em relação a temas atuais, suas percepções sobre o Estado e a democracia, bem como suas formas de expressão política e o uso das redes sociais

O presente documento resume os principais resultados e propõe caminhos para fortalecer a participação política das juventudes e renovar as instituições democráticas.

O RELATÓRIO COM A ANÁLISE DOS DADOS REGIONAIS, VISUALIZADORES DE DADOS E MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO ESTÁ DISPONÍVEL EM:

WWW.JUVENTUDESFES.ORG



Para baixar o **RELATÓRIO COMPLETO** em espanhol, escaneie o código QR.



**FRIEDRICH
EBERT
STIFTUNG**